

Maria Nilza da Silva
Mariana Panta
Nikolas Pallisser Silva
Margarida Cássia Campos

*Dona Izolína e a
Venda dos Pretos
Solidariedade e Resistência*

Universidade Estadual de Londrina
Londrina • 2016

Todas as fotos do acervo pessoal da família Marques Neves, sem data ou autoria, foram gentilmente cedidas por D. Izolina. As datas mencionadas no texto, oriundas das matérias jornalísticas e das entrevistas nem sempre são exatas, mas foram mantidas para ilustrar a memória de D. Izolina, da sua família e da Venda dos Pretos.
Obra disponível em formato digital no sítio: <http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/publicacoes-da-equipe-leafro.php>

Colaboraram:

Revisão ortográfica: Aluysio Fávoro

Capa: Marcos da Mata

Fotos da capa: Maria Nilza da Silva (Dona Izolina) e Nikolas Pallisser (Venda)

Programa UNIAFRO / MEC / SESU / SECADI

Convênio MEC / FNDE n. 400105/2010

Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros – NEAB

LEAFRO – Laboratório de Cultura e Estudos Afro-Brasileiros

Coordenação: Profa. Dra. Maria Nilza da Silva

Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central
da Universidade Estadual de Londrina
Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

D674 Dona Izolina e a Venda dos Pretos : solidariedade e resistência / Maria Nilza da Silva...[et al.]. –
Londrina : Universidade Estadual de Londrina, 2016.
99 p. : il. – (Presença negra em Londrina)

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7846-388-5

1. Francisco, Izolina Maria de Jesus, 1939-2015. 2. Venda dos Pretos – Espírito Santo (Londrina, PR). 3. Negras – Londrina (PR) – Biografia. 4. Mulheres comerciantes. 5. Famílias negras – Londrina (PR). 6. Família Marques Neves. I. Silva, Maria Nilza da. II. Universidade Estadual de Londrina. III. Título.

CDU 396(816.22=96)(091)

Sumário

Prefácio	8
Apresentação	10
Introdução	14
A Venda dos Pretos e as transformações através da história	20
Do Nordeste ao Sul: A chegada da família baiana ao norte do Paraná	23
Década de 1950: A derrubada de mata e a lavoura de café.....	30
Venda dos Pretos: O primórdio do tradicional comércio de Secos & Molhados.....	36
Família Marques Neves: A marca da generosidade.....	41
Os Marques Neves em Cianorte.....	43
Dona Izolina e a constituição da nova família	45
A luta pela vida e o desafio das perdas	52
Dona Izolina e a Venda dos Pretos	55
Serviços à Comunidade	64
Os Músicos	65
Os Ciclistas.....	69
Jogos	71

Time da Venda.....	72
Visitantes	74
Dona Izolina e a Venda dos Pretos: O Diploma de Reconhecimento Público.....	76
Izolina Maria de Jesus Francisco: As lutas de uma mulher negra.....	79
Venda dos Pretos: Um território negro em Londrina	81
Relatório do Grupo de Trabalho Clóvis Moura	84
Os Filhos de D. Izolina.....	94
Considerações Finais	95
Referências Bibliográficas.....	96



Izolina Maria de Jesus Francisco (1939-2015).
Foto: Maria Nilza da Silva.

*Se alguém te jogar pedra, não revide, não jogue a pedra em quem te apedrejou...
Junte as pedras, elas servirão para erguer e solidificar a sua casa.*

Dona Izolina, parafraseando os ensinamentos
de sua mãe, Deraldina Maria de Jesus Neves.

Prefácio

Há um balcão onde se distribui a generosidade, parte de uma cultura rara nos dias de hoje onde a solidariedade vai-se tornando produto escasso e endurecido nas prateleiras das lembranças da mudança que a sociedade sofreu e que sofreremos da sua falta.

A personagem, Dona Izolina, e o lugar, o negócio da “Venda dos Pretos”, são partes de histórias de vida de uma comunidade cristalizada na narrativa vigorosa de uma biografia que preenche uma das muitas lacunas da história do estado do Paraná e da sociedade brasileira ao não se registrar o empreendimento de famílias negras. Famílias negras que marcaram o seu tempo e seu espaço e deram dignidade e sensibilidade ao lugar em que viveram e que inscreveram na história local.

A riqueza do café é uma herança africana que constituiu a grandeza do estado do Paraná e do Brasil e foi, durante muito tempo, plantada por mãos negras até a chegada, dentro do período do pós-abolição, de imigrantes fugindo da Europa, da fome e da miséria de regiões paupérrimas e sem instrução. Esta bibliografia é parte da história do café no último de seus ciclos antes da predominância da industrialização. Período no qual as sacas de café eram carregadas e armazenadas por braços humanos e do qual o texto expõe rico depoimento fotográfico e oral relativo à história de Londrina.

Dona Roxa, Dona Izolina, de registro Izolina Maria de Jesus Francisco, foi a síntese da trajetória de muitas mulheres negras que formaram os seus núcleos familiares de sólida base de convivência e seus negócios negociando com a vida a prosperidade e a felicidade. As mulheres negras negociantes e empreendedoras fazem parte da tradição africana que a sociedade brasileira deixa de registrar. A palavra quitanda e quitandeira é de origem Bantu e marcou, no português do Brasil, o comércio urbano feito por mulheres negras, que a pesquisa biográfica deste trabalho recupera com grande força histórica e sociológica.

O Encruzo, local da “Venda dos Pretos”, é um ponto de dinamismo comercial e cultural que podemos denominar como território negro rural pelo agregado de famílias negras

que depois, como todos os territórios do mesmo gênero, quando ganham infraestrutura tornam-se urbanizações brancas devido à força da institucionalização do racismo sobre o espaço urbano e marcam um modelo cuja evolução e importância este trabalho nos explica.

Portanto, além da generosidade, fraternidade, família, empreendedorismo e sociabilidade, este livro apresenta ao leitor significativo empreendimento textual e de pesquisa que marca os trabalhos dos pesquisadores do Laboratório de Cultura e Estudos Afro-Brasileiros - LEAFRO-UEL. Revela também as migrações negras, por vezes omitidas pela história, mas que carregaram pequenos capitais propiciando aos negros a compra de terras e imóveis reforçando suas perspectivas de melhoria de vida e seu espírito empreendedor e de resistência, muitas vezes pouco percebido esse espírito pelas inúmeras dificuldades enfrentadas.

Ouçam neste livro os ecos da história brasileira deixada na penumbra que aponta muitos lugares onde negros e negras foram pioneiros, colonizadores e mantenedores de núcleos urbanos e rurais que deram origem a bairros e cidades modernos. Neste texto encontram-se os contextos da saga de uma família negra, de mulheres e homens realizadores, partícipes da solidariedade e bondade que fazem do negócio um meio de vida e não a força de exploração de quem necessita. Que a emoção some-se a imaginação e propicie uma boa leitura deste trabalho empolgante que tenho o prazer de prefaciar e recomendar aos leitores.

Henrique Cunha Junior
Professor Titular da Universidade Federal do Ceará

Apresentação

Presença Negra em Londrina: Quase Um Século de História(s)¹



Justiniano Clímaco da Silva
Foto: Acervo da família

Vilma Santos de Oliveira
Foto: Léo Okuyama

Oscar do Nascimento
Foto: Gerson Sobreira

Izolina Maria de Jesus Francisco
Foto: Karina Yamada

A população negra desempenhou um papel fundamental na formação socioeconômica e cultural do Brasil. No entanto, a invisibilização e o silenciamento de suas trajetórias contrastam com a grandiosidade dos empreendimentos de muitos negros e negras. Passados 128 anos da abolição do sistema escravocrata (1888) o Brasil ainda tem uma dívida histórica que deve ser resgatada por meio de uma revisão historiográfica delineada com a reversão das perversas consequências do racismo. *Dona Izolina e a Venda dos Pretos: Solidariedade e Resistência* segue a trilha das outras publicações da

¹ Nas imagens os biografados, até o momento, na *Coleção Presença Negra em Londrina*. Os livros desta Coleção são respectivamente: *O Doutor Preto Justiniano Clímaco da Silva: A presença negra pioneira em Londrina*; *Yá Mukumby: A vida de Vilma Santos de Oliveira*; *Negro em Movimento: A trajetória de Doutor Oscar do Nascimento*; *Dona Izolina e a Venda dos Pretos: Solidariedade e Resistência*.

*Coleção Presença Negra em Londrina*², produzida pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) e pelo Laboratório de Cultura e Estudo Afro-Brasileiros (LEAFRO)³ da Universidade Estadual de Londrina. A Coleção contribui para a disseminação da participação do povo negro no decurso da origem, desenvolvimento e consolidação de Londrina, município brasileiro situado no norte do Paraná. Destina-se também a finalidades didáticas, no campo das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, conforme estabelece a Lei 10.639/03.

Com apenas 81 anos de existência e contando com 506.701 habitantes⁴, Londrina emerge no cenário brasileiro como uma das cidades mais influentes da região sul do Brasil e importante polo de desenvolvimento nacional. Para alcançar este patamar de crescimento, contou com a participação e esforços de trabalhadores provenientes de diversos estados e países. Todavia, assemelhando-se à realidade de outras localidades do Brasil, Londrina mantém na invisibilidade a história e a cultura do negro, não obstante, este segmento representa 26% da população da cidade⁵. Tornar mais conhecida a trajetória de personalidades negras que se destacaram social, política e intelectualmente, bem como a história dos locais de preservação da memória e cultura desse contingente populacional, configura-se como uma reparação do processo histórico da cidade, sobretudo, como forma de valorização da população negra, que contribuiu significativamente para a construção e desenvolvimento da cidade de Londrina, do estado do Paraná e do Brasil.

² A *Coleção Presença Negra em Londrina* é o resultado palpável do projeto de pesquisa intitulado *População Negra em Londrina: Memória e Realidade Social*, elaborado e coordenado por Maria Nilza da Silva desde 2009. Registrado na PROPPG/Uel sob o nº 07915, contou com apoio da Bolsa Produtividade PQ2 (2009-2015). O projeto tem como objetivo a realização e a divulgação de estudos sobre personalidades negras que se destacaram e fizeram história em Londrina, mas que estavam praticamente esquecidas na memória social do município. As principais publicações desenvolvidas no âmbito deste projeto estão disponíveis na página do LEAFRO: <http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/publicacoes-da-equipe-leafro.php>. Acesso em: 17/10/2015.

³ O NEAB e o LEAFRO são coordenados por Maria Nilza da Silva.

⁴ Cf. LONDRINA, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010: *Características da População e dos Domicílios*: Resultados do Universo, 2011.

⁵ De acordo com os dados disponibilizados pelo IBGE, Censo Demográfico de 2010, em Londrina, a somatória de pretos e pardos - que constitui a categoria "negros" - corresponde a 26,07%.

Através das pesquisas desenvolvidas nos últimos anos em Londrina, no âmbito teórico e empírico, desde a constituição do Grupo de Pesquisa Estudos Afro-Brasileiros e Relações Raciais (CNPq/UEL) - cuja formação inicial ocorreu no ano 2000, sob a coordenação da socióloga Maria Nilza da Silva - constatamos que o povo negro contribuiu substancialmente com a economia local, desde os primórdios da estruturação do município. Os braços negros constituíram-se uma força de trabalho fundamental naquele contexto, que demandava árduas jornadas de trabalho na derrubada de matas e nas lavouras de café. Enfatiza-se, porém, que a atuação da população negra não se restringe ao trabalho braçal, ao contrário, trata-se de uma trajetória de luta, resistência e protagonismo no processo de construção do Brasil que merece visibilidade e reconhecimento na história nacional.

É no cenário da década de 1950, tempo marcado pela efervescência cafeeira no norte do Paraná, que começa a se configurar a história sobre a qual vamos discorrer. Com a história da D. Izolina e da Venda dos Pretos revisita-se a história de Londrina e a trajetória dos negros na cidade. É com satisfação que apresentamos o quarto título da *Coleção Presença Negra em Londrina: Dona Izolina e a Venda dos Pretos: Solidariedade e Resistência*.

Cuidar da Venda é saber cuidar das pessoas...

Dona Izolina.



D. Izolina num dia de trabalho na Venda dos Pretos⁶

⁶ Imagem extraída do vídeo *Conheça a história da Dona Izolina e de seu "Bar dos Pretos"*. A reportagem foi exibida na Rede Independência de Comunicação (RIC-TV), no dia 01/08/2012. Disponível em: <http://pr.ricmais.com.br/parana-no-ar/videos/conheca-a-historia-da-dona-izolina-e-de-seu-%22bar-dos-pretos%22/>. Acesso em: 17/10/2015.

Introdução

Izolina Maria de Jesus Francisco, Dona Roxa, ou simplesmente Dona Izolina, como era mais conhecida e tratada, nasceu na cidade baiana de Paramirim, em 1939. Chegou ao norte do Paraná, juntamente com os pais e os oito irmãos, no início da década de 1950, auge dos fluxos migratórios nordestinos, após percorrer exaustivos trajetos nos chamados “paus-de-arara”⁷, fugindo da miséria e da seca. A família da D. Izolina - família Marques Neves - passou primeiramente pelo interior paulista, de onde se deslocou para Londrina de trem e completou o restante do percurso a pé, cerca de quinze quilômetros, para chegar à nova terra onde recomeçaria a sua história. Ao compartilharmos, por meio deste livro, a trajetória da D. Izolina e família, não apresentamos apenas as peculiaridades vivenciadas por esta família, mas também por inúmeros migrantes que vieram para Londrina durante o ciclo do café e trabalharam de sol a sol. Eles enfrentaram as difíceis condições de vida que caracterizavam o contexto e recaíam de modo mais intenso sobre o seu grupo social.

Através da trajetória da D. Izolina nos foi possibilitado acessar fragmentos daquelas vivências, visto que os nexos de sua biografia individual estão conectados aos processos sociais mais amplos. As narrativas que ela nos fez certamente contemplam diversas vozes silenciadas na “história oficial”, conhecida e divulgada, isto é, o ponto de vista dos migrantes pobres e negros que se deslocavam em busca de melhores condições de vida.

Na condição de mulher, negra, nordestina, migrante e pobre, que trabalhou na roça desde a infância e, posteriormente, por dezoito anos como doméstica, D. Izolina não teve oportunidade de estudar. A questão que fica é: O que a trajetória dessa mulher “simples” tem de tão precioso? É possível elencar inúmeros elementos. A princípio destacamos a sua sabedoria e generosidade para com todos que a procuravam. O gênio forte, mas profundamente acolhedor, somado à grande influência que exerceu sobre a própria

⁷ Tipo de transporte precário e irregular muito utilizado no nordeste, sobretudo no auge dos fluxos migratórios, para transportar migrantes à região de destino.

família, lhe atribuiu as características de uma matriarca. Sua voz se fez respeitar não só no âmbito da família que chefiou, mas por todos aqueles que habitam a comunidade na qual residiu, além dos visitantes e clientes. Esta obra apresenta algumas singularidades em relação aos outros livros da *Coleção Presença Negra em Londrina*, já que a pesquisa, além de focalizar a trajetória da D. Izolina, narra simultaneamente a história do patrimônio histórico ao qual ela dedicou 20 anos da sua vida: a Venda do Alto, mais conhecida como *Venda dos Pretos*⁸.

A Venda dos Pretos é um notório estabelecimento comercial situado no alto do Distrito Espírito Santo, zona rural de Londrina. Pertencente à família da D. Izolina há mais de 60 anos, a Venda já está nas mãos da terceira geração. Foi comprada pelo seu pai, João Marques Neves, o insigne negro de olhos azuis, na década de 1950, com o suor do seu trabalho e de toda a família, na derrubada de matas e nas lavouras de café. Apesar das transformações ocorridas no decorrer da história, várias características permanecem imutáveis, entre as mais notáveis, o atendimento cordial, afetuoso e solidário prestado pela família Marques Neves há mais de meio século.

A Venda dos Pretos constitui-se em Londrina como um patrimônio histórico, ainda que não tenha ocorrido o tombamento oficial por algum órgão de proteção patrimonial. Além de diversas características originais preservadas, como a construção rústica em madeira, o balcão de peroba e uma antiga balança de precisão, o espaço onde se localiza a Venda apresenta outras singularidades: atrás do estabelecimento há uma comunidade composta por sete casas nas quais residem sete famílias negras, todas aparentadas entre si⁹. Pela história e constituição da Venda dos Pretos identificamos o espaço como um território negro no âmbito local. Sabemos que o conceito de território tem sido amplamente discutido nas Ciências Sociais, desde os estudos sociológicos precursores,

⁸ O nome oficial do estabelecimento é Venda do Alto, mas como os proprietários são negros, ficou mais conhecido como Venda dos Pretos.

⁹ Todas as famílias que residem no espaço onde se situa a Venda dos Pretos possuem laços de parentesco, isto é, todos que lá habitam, de uma forma ou de outra, estão conectados ao mesmo núcleo originário: a família Marques Neves.

como aqueles desenvolvidos no âmbito da Escola de Chicago. No entanto, neste trabalho, utilizamos como referencial formulações que acreditamos ser mais próximas do contexto social analisado, como as noções trazidas por Raquel Rolnik. Para a autora, o conceito de território refere-se ao “espaço vivido, obra coletiva construída peça a peça por um certo grupo social” (ROLNIK, 1989: 2).

Considerando as mudanças conceituais ocorridas nas definições de quilombo – atualmente embasadas primordialmente nas categorias território, cultura, identidade e história¹⁰ - indagamos sobre a possível classificação de quilombo naquela comunidade formada pela família Marques Neves¹¹, ou, de Comunidade Negra Tradicional, remanescente de quilombo ou não¹². Nas cercanias da Venda, há mais de sessenta anos, se constituem redes de parentesco e amizade, onde as interações interpessoais são estruturadas pela ajuda recíproca e solidariedade coletiva. Trata-se de um território negro com características históricas de irrefutável valor simbólico, no qual se desenvolvem laços peculiares de sociabilidade.

Com o objetivo de tornar mais conhecida a história da D. Izolina e da Venda dos Pretos foram realizadas as pesquisas bibliográfica, hemerográfica e iconográfica. Para a pesquisa de campo, empreendida no transcurso de 2014 e 2016, utilizamos métodos

¹⁰ Cf. CUNHA JUNIOR, Henrique Antunes. Quilombo: Patrimônio histórico e cultural. *Revista Espaço Acadêmico - Nº 129 – Fevereiro de 2012*, p. 163.

¹¹ Para essa definição necessita-se, contudo, de algumas características que nos fazem pensar nessa possibilidade, como aquelas descritas no Decreto nº 4887, de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, que em seu art. 2º, estabelece: “Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-definição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”.

¹² Conforme o Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, compreendem-se, por Povos ou Comunidades Tradicionais, “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”.

como observação participante e entrevistas formais e informais¹³, que nos permitiram um contato mais próximo com a realidade social pesquisada. No decorrer do livro, valorizamos as narrativas e argumentos colhidos em entrevistas qualitativas, visto que os depoimentos orais têm adquirido cada vez mais relevância nas Ciências Sociais¹⁴. A base da pesquisa instaura-se nas entrevistas concedidas pela D. Izolina aos autores do livro, desde o primeiro semestre de 2014. Utilizamos também dados da entrevista gentilmente cedida pela pesquisadora Letícia Regina dos Santos Rodrigues, que entrevistou D. Izolina em janeiro de 2013. Recorremos ainda a entrevistas e informações coletadas junto aos outros membros da família Marques Neves e frequentadores da Venda.

¹³ Além das entrevistas formais - aquelas feitas com roteiro semiestruturado e gravadas na íntegra - lançamos mão de entrevistas informais, ou seja, de várias entrevistas e conversas sem gravação, que também contribuíram para a apreensão de informações importantes.

¹⁴ No decorrer das narrativas, tanto da D. Izolina, quanto dos outros entrevistados, fizemos pequenas reparações visando facilitar a legibilidade. Buscamos equilibrar contribuições distintas de dois pesquisadores, acerca das transcrições de depoimentos orais, a saber, Paul Thompson e Alessandro Portelli. Foram atenuados ou retirados dos depoimentos o gaguejar à procura de uma palavra, pausas, hesitações perturbadoras e falsos começos com intuito de evitar a distorção que ocorre quando a palavra falada é enquadrada na disciplina da prosa escrita. Entretanto, empenhamo-nos em manter as narrativas mais próximas possíveis de como foram ditas, visto que, segundo Thompson, introduzir termos que jamais estiveram no depoimento original, pode tornar a fala irreconhecível, deteriorá-la por meio da transcrição, ou mesmo resultar em um novo sentido que não era a intenção do falante (THOMPSON, 1992: 293-297). Por outro lado, como analisa Portelli: “Se uma transcrição normalizada falsifica a qualidade da experiência, uma transcrição que busque reproduzir servilmente o falar em vez de representá-lo com inteligência, termina por praticar uma violação igualmente grave: transformar um belíssimo falar numa escrita ininteligível” (PORTELLI, 2004: 14). Assim, mantivemos a autenticidade dos depoimentos, aplicando correções sutis apenas para não desvalorizar as narrativas e os depoentes.

Buscando preencher as lacunas que ainda restavam e fazer uma reconstrução mais fidedigna da história, recorreremos também ao contato e visita a dois cemitérios – Jardim da Saudade e Cemitério Municipal de Cambé - nos quais se encontram registradas as datas de nascimento e morte de “personagens” importantes mencionadas neste livro¹⁵. Atestamos assim, que os cemitérios se constituem como valorosa fonte de pesquisa para a preservação da memória histórica.

Aos leitores indicamos o contexto em que está inserido este trabalho. O processo de pesquisa contou com a participação ativa da biografada que, lamentavelmente, veio a falecer quando a pesquisa ainda estava em curso. A morte da D. Izolina ocorreu no dia 12 de fevereiro de 2015. Registramos aqui a nossa homenagem. Boa leitura!

¹⁵ Ao observarmos que algumas informações fornecidas pela D. Izolina e irmãos não convergiam, como data de morte dos pais e de outros membros da família, contatamos funcionários do Cemitério Jardim da Saudade, onde se encontram registrados em arquivo dados referentes ao óbito de Sebastião Francisco, cônjuge da D. Izolina, e dados da própria D. Izolina, que faleceu no dia 12 de fevereiro de 2015. Contatamos também funcionários do Cemitério Municipal de Cambé. Nas averiguações preliminares contamos com a colaboração de Jamile Baptista, Mestra em Ciências Sociais e pesquisadora do Projeto LEAFRO. As informações registradas nos arquivos do cemitério por ela recolhidas nos permitiram localizar as sepulturas da família. Em visita ao cemitério, através das informações gravadas nas lápides, coletamos as datas de nascimento e morte de João Marques Neves e Deraldina Maria de Jesus Neves, pais de D. Izolina, e também de Antônio Marques Neves, irmão de D. Izolina. Dados referentes ao óbito de José Marques Neves, outro irmão, não estavam registrados em lápide, mas tivemos acesso ao atestado de óbito fornecido pela Casa de Velório de Cambé.



Venda dos Pretos.
Foto: Nikolas Pallisser.

A Venda dos Pretos e as transformações através da história

Situada no Distrito do Espírito Santo, um dos oito da área rural de Londrina¹⁶, a Venda dos Pretos localiza-se a 15 quilômetros da sede do município, ao extremo sul da área urbana de Londrina. O Distrito foi criado em 20 de julho de 1994 pela Lei Municipal nº 5.842, através da união do Patrimônio Regina com o Patrimônio Espírito Santo. Possui uma área de 184,924 quilômetros quadrados, sendo 69.610,862 metros quadrados de área urbana e 184,86 quilômetros quadrados de área rural¹⁷. No Distrito, a Venda é o ponto principal para informações. Por se situar entre três vias - Rodovia Mábio Gonçalves Palhano, Rodovia Luiz Beraldi e Estrada Antonio Pieroli - é também conhecida como Venda do Encruzo.

A origem da Venda é uma incógnita. Não dispomos de documentos ou relatos suficientes para discorrer, de modo consolidado, sobre a sua criação. Sabemos, porém, que a Venda teve outros donos antes de ser adquirida pela família Marques Neves. Segue o depoimento da D. Izolina:

A venda já era de um caboclo, no meio do mato, dizem que ele fazia as bebidas de raiz, dessas raízes de pau que nós não conhecemos. Se nós vemos, nós não sabemos o que é, mas eles que são do mato, criados no mato, eles sabem tudo que é madeira boa. Dizem que eles faziam a bebida pra vender e eles que vendiam, já tinha essa vendinha feita no meio do mato, feita de pau-a-pique.

¹⁶ O município de Londrina é constituído pelo Distrito Sede (compreende Heimtal e Selva) e por oito Distritos Rurais: Espírito Santo (compreende o Patrimônio Regina), Guaravera, Irerê (compreende o Patrimônio de Taquaruna), Lerroville, Maravilha, Paiquerê (compreende o Patrimônio Guairacá), São Luiz e Warta (Perfil do Município de Londrina, 2014: 29).

¹⁷ Todos esses dados sobre o distrito do Espírito Santo encontram-se disponíveis na página da Prefeitura de Londrina. Cf. http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1089&Itemid=1069&showall=1. Acesso em 17/11/2015. As informações referentes à área e número de habitantes do Distrito têm como base os dados do IBGE 2000. Em 2000, o Distrito possuía uma população total de 2.886 habitantes, dos quais 248 habitam a área urbana e 2.638 habitam a zona rural. Não dispomos dos dados de 2010, pois, conforme explicitado no Perfil de Londrina 2014: “O IBGE não considerou a delimitação do Distrito do Espírito Santo, prevista na Lei 5.842/94, em virtude da existência de conflitos (sobreposição de áreas) entre esta Lei e a legislação que dispõe sobre a área urbana municipal. Assim, a população do Distrito do Espírito Santo está computada no Distrito Sede” (LONDRINA, 2014: 68).

A data oficial em que a Venda foi comprada pelo João Marques Neves, pai da D. Izolina, também não é precisa, estima-se que tenha sido na primeira metade da década de 1950, pouco depois da chegada da família a Londrina¹⁸. Se em seus primórdios a Venda localizava-se em meio às matas, hoje, nas proximidades situam-se condomínios fechados, de alto padrão, frutos das transformações urbanas ocorridas nas últimas décadas, provavelmente uma das razões das constantes ofertas de compra da Venda dos Pretos. No entanto, vender o estabelecimento sempre foi algo totalmente fora dos propósitos da D. Izolina, que relatou:

Já chegou muita gente aqui pra eu vender e eu falei: “meu filho, você pode vir com o manjar dos céus, não é grandes coisas, é um pedacinho pequenininho, mas não tem dinheiro que me compre isso daqui”. Chegou um fazendeirão aqui e falou assim: “Olha, eu dou para a senhora dois apartamentos”. Eu falei: “Você fica com seus dois apartamentos, que eu não estou te pedindo apartamento, nunca gostei de apartamento e piorou, porque eu não vendo a minha Venda por dinheiro nenhum!”. Ele falou: “Eu troco com você, eu te dou dois apartamento de luxo e ainda te dou o resto em dinheiro”. E eu falei: “Não tem dinheiro que compre. Você pode vir com o manjar dos céus que eu não vendo e não deixo ninguém vender!”.

A Venda dos Pretos é um entre os raros estabelecimentos tradicionais que resistiram à passagem do tempo, enquanto tantos outros semelhantes fecharam suas portas. A longevidade da Venda deve-se, primordialmente, ao comprometimento da D. Izolina com o seu pai, João Marques Neves, a quem jurou nunca vendê-la. Também, ao papel

¹⁸ Não há um consenso acerca do ano em que a Venda foi comprada pelo João Marques Neves. As datas explicitadas nas matérias de jornais, por exemplo, divergem entre si. Em 2014, ano em que realizamos as entrevistas com D. Izolina, a data exata já havia fugido a sua memória, no entanto, ela estimava que a Venda estivesse com a família há pouco mais de sessenta anos, ou seja, que o estabelecimento tivesse sido adquirido pelo seu pai por volta de 1952. Os irmãos mais novos, porém – Adelino Marques Neves e Maria José Neves Maximiano - presumem que João tenha se tornado dono da Venda na primeira metade da década de 1960. Entre uma informação e outra há uma diferença de aproximadamente dez anos. O consenso é que a Venda dos Pretos pertence à família Marques Neves há mais de 50 anos. Optamos por preservar a memória da D. Izolina, visto que a maioria das referências feitas à Venda respeita o período de 60 anos de serviços prestados pela família no estabelecimento. Tamanha é a popularidade da Venda dos Pretos, que frequentadores assíduos do local formaram um time de futebol, sendo o logotipo do uniforme oficial a seguinte mensagem: “Desde 1952 – Venda dos Pretos – 60 anos”.

fundamental que o estabelecimento tem na prestação de serviços naquela localidade, à cordialidade do atendimento - que garante a fidelidade da clientela - e às diversas redes de sociabilidade estabelecidas entre os habituais frequentadores.

A história desse estabelecimento comercial encontra-se entrelaçada à trajetória da família Marques Neves e adquire características específicas em consonância com as transformações do tempo, desde a administração de João Marques Neves (início da década de 1950) até a liderança da D. Izolina (meados da década de 1990).

Reconstruímos, então, a história da Venda dos Pretos circunscrita à trajetória da família Marques Neves, tendo como fio condutor a trajetória da D. Izolina, que herdou a Venda de seu pai e dela cuidou até o final da sua vida.

Do Nordeste ao Sul: A chegada da família baiana ao norte do Paraná



Deraldina Maria de Jesus Neves e
João Marques Neves.
Foto: Álbum de família.

Filha de João Marques Neves e de Deraldina Maria de Jesus Neves, ambos nascidos na Bahia, D. Izolina é a segunda filha do casal de trabalhadores rurais que teve nove filhos: Adelino Marques Neves, Antônio Marques Neves, Carolina Marques Neves, Izaura Maria Rocha, Izolina Maria de Jesus Francisco, José Marques Neves, Maria Augusta Marques Neves, Maria José Neves Maximiano e Tereza Marques Neves.

D. Izolina nasceu na cidade de Paramirim, pequeno município situado no interior da Bahia, em 13 de setembro de 1939. Ao descrever suas origens, ela destaca a ancestralidade africana. Segue o seu depoimento:

Eu sou preta mesmo e é com muito orgulho, muita honra! É uma coisa que eu sei dizer pra você, muita honra! Sou neta de bugre com africano... Naquele tempo eles chamavam de bugre,¹⁹aquele povo bravo. O meu pai era um preto filho de africano do olho azul, da cor de um lago, todo mundo vinha aqui ver o olho dele...

¹⁹ O termo bugre é geralmente utilizado para designar indivíduos com características indígenas. Pela sua origem e utilização, é tido como um termo pejorativo, visto que, diversas fontes da literatura europeia trazem a tradução da expressão associada a conceitos ofensivos. O termo teve origem num movimento herético na Europa, durante a Idade Média, que se contrapôs às doutrinas ortodoxas da Igreja. Nesse sentido, o termo foi reapropriado pelos portugueses para se referir aos indígenas de diferentes grupos do Brasil. Sua utilização tem uma fundamentação radicalmente religiosa e associa a imagem do indígena a conotações como: selvagem, preguiçoso, inferior, pagão, inculto, herege, traiçoeiro, entre outras (GUISARD, 1999: 92-94). No entanto, provavelmente, para a D. Izolina, o termo bugre significa descendente de africano, “aquele povo bravo”, no sentido de ser forte.

No Brasil, uma série de fatores históricos operou no sentido de cercear as oportunidades socioeconômicas da população negra, especialmente no decorrer das quatro décadas após a abolição do sistema escravocrata, entre os principais, a política imigratória, consolidada em decorrência da ideologia do branqueamento²⁰. Esta ideologia acarretou não só a marginalização dos negros presentes nas cidades da região sul e sudeste, mas também intensificou o padrão de distribuição de negros nas regiões com menor dinamismo industrial²¹, ou seja, nos estados brasileiros menos desenvolvidos economicamente.

João e Deraldina nasceram em 1915 e 1916, respectivamente, isto é, menos de trinta anos após a abolição da escravatura no Brasil. Nesse contexto muitas famílias negras, especialmente no Nordeste, permaneceram vinculadas ao setor agrário que se assemelhava ao quadro de trabalho caracterizado pela dependência senhorial. Sobre as atividades exercidas pelos pais na Bahia, D. Izolina relata:

²⁰ Desde o final do século XIX até meados do século XX, a elite política e intelectual brasileira esteve profundamente influenciada pelas teorias raciais europeias e norte-americanas. Nesse contexto, o país assumiu um projeto de nação que projetou a construção de uma consciência nacional, falsificada, baseada na inferioridade dos negros e superioridade dos brancos. Este plano ideológico ficou conhecido como ideologia do branqueamento ou embranquecimento. Em busca de consolidar o ideário do branqueamento, milhões de imigrantes chegaram ao Brasil nos primeiros 40 anos pós-abolicionismo, muitos apoiados e subsidiados pelo governo brasileiro, incentivados por uma política oficial de embranquecimento nacional. Nessa conjuntura, muitos intelectuais acreditavam que a miscigenação entre as três raças (branca, negra e indígena) seria uma etapa transitória que levaria a uma nação brasileira mais branca. Cf. MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008. Em suma, o que se almejou foi o embranquecimento físico e cultural do povo brasileiro e, simultaneamente, a extinção do contingente populacional negro, considerado, naquele tempo histórico, o principal símbolo de atraso e degradação do Brasil. Cf. NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

²¹ A questão da segregação geográfica no Brasil é tratada por Carlos Hasenbalg como uma das principais bases estruturantes das desigualdades raciais no país. A análise da distribuição geográfica da população negra com o recorte racial é feita por Hasenbalg no Capítulo IV: Escravismo e Geografia Racial no Brasil, do livro: *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

A atividade deles era mexer com madeira, com madeiramento e mexer com cana, plantação de cana. [...]. Faziam a plantação da cana, aí quando chegava no tempo da moagem, faziam açúcar, faziam rapadura, faziam a pinga, eles iam tudo embora para beira do rio pra poder trabalhar nos engenhos, aqueles engenhos tocados com boi, puxada pelo boi para moer a cana.

As desigualdades regionais impulsionaram as migrações internas. As populações concentradas nas regiões que não ofereciam oportunidades econômicas vivenciavam uma deterioração do nível de vida e esta situação estimulou o surgimento de um estado favorável à expulsão de grandes contingentes demográficos, como ocorreu principalmente no Nordeste brasileiro e no estado de Minas Gerais, na década de 1950²².

Até a década de 1920, a entrada de estrangeiros no Brasil era bem superior às migrações internas, no entanto, a industrialização e a expansão de novas fronteiras agrícolas condicionaram uma nova etapa que passou a incorporar os trabalhadores nacionais. Nesse cenário, passou a emergir na região sul do Brasil, até então marcada pela presença maciça de imigrantes provenientes da Europa, os retirantes das secas, nordestinos e negros.

A estagnação econômica, as contínuas secas e as inúmeras precariedades vivenciadas cotidianamente fizeram com que muitos nordestinos deixassem suas terras de origem e migrassem para outras regiões do Brasil em busca de melhores condições de vida e oportunidades. Sobre as condições em que a sua família vivia em Paramirim, D. Izolina afirma:

A Bahia era muito seca, era muito seca, demais, não tinha chuva, não tinha quase nada, demorava seis meses pra chover, agora eu não sei como é que tá, mas meu pai sempre contava que tinha de abrir aqueles buracos na areia pra minar água, pra catar água pra gente beber. Falei: “Ah! Meu Deus do céu, nós vamos morrer de fome num lugar desses...!”.

²² Cf. SINGER, PAUL, *Economia Política da Urbanização*. São Paulo: Contexto, 1998.

O depoimento da D. Izolina mostra a precariedade em que vivia a sua família no estado da Bahia. No início de 1950, tempo histórico em que a região nordeste perdeu os maiores contingentes demográficos num ritmo acelerado, a família deixou Paramirim e seguiu rumo às terras promissoras do norte do Paraná. Antes de trazer a família para Londrina, João viajou algumas vezes com um grupo de trabalhadores para desbravar áreas cobertas de densa mata virgem. Eles acampavam em meio às matas, como mostra a imagem abaixo, a título de ilustração. Naquele tempo era comum que um membro da família partisse primeiro, geralmente o homem. Segue o depoimento da D. Izolina:



Acampamento na região do Patrimônio Três Bocas. Londrina final de 1920. Foto: Theodor Preising – Acervo do Museu Histórico Padre Carlos Weiss.

Meu pai veio abrir mata aqui [em Londrina]... Vinha com os colegas dele, de pau-de-arara... Chegando aqui eles faziam aquelas cabaninhas no meio do mato, abriam aqueles picadões e faziam as cabanas de taipas de sapé pra ficar debaixo. [...]. Quando ele veio pra cá, ele contava pra nós que a única coisa que tinha dentro de Londrina era o Hotel dos Viajantes²³ e o Bosque²⁴ ... O Hotel dos Viajantes era ali de frente com o Museu, onde é o Museu hoje.

²³ O Hotel dos Viajantes situava-se na Avenida São Paulo, em frente à Praça Rocha Pombo, centro de Londrina. O Hotel foi construído nos primórdios da cidade, em 1938 e demolido em 1995. Cf. OSHIRO, Vitor Hiromitsu Ferreira. Hotel dos Viajantes: uma mina de ouro para a história londrinense. In: BONI, Paulo César; TEIXEIRA, Juliana de Oliveira (Orgs.). *Fragments da história do Norte do Paraná em textos e imagens: Hotéis históricos do Norte do Paraná*. Londrina: Midiograf, 2013.

²⁴ O Bosque Marechal Cândido Rondon situa-se na região central de Londrina. A área foi doada como espaço público pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), empresa colonizadora da cidade. Cf. FRAZOLINI, Fernanda. *Bosque Marechal Cândido Rondon (1950-1970): referência e patrimônio londrinense*, 2010.



Hotel dos Viajantes. Foto: Acervo da família Parra. Imagem extraída do texto *Hotel dos Viajantes: uma mina de ouro para a história londrinense*, 2013. Autoria Vitor Hiromitsu Ferreira Oshiro.



Bosque, dia de piquenique. Foto: José Juliani. Década de 1930. Acervo CDPH-UEL. Imagem extraída do texto: *Bosque Marechal Cândido Rondon (1950 a 1970): referência e patrimônio londrinense*. Autoria: Fernanda Frazolini.

O deslocamento da família Marques Neves, do nordeste para o sul, foi extremamente penoso. De Paramirim, a família percorreu quilômetros e quilômetros pelas estradas precárias que conectavam a Bahia a outros estados do Brasil no sacolejo de um velho caminhão, ao estilo de pau-de-arara, até São José do Rio Preto, São Paulo. Do interior paulista a família se deslocou para Londrina numa locomotiva a vapor, mais conhecida como “Maria-Fumaça”. D. Izolina relata:

Nós viemos de pau-de-arara, viemos naquela Maria-Fumaça, viemos num caminhão velho que eu lembro como [se fosse] hoje. O caminhão era tão velho que quebrava tudo no meio da estrada. Depois tinha aquele trem chamado Maria-Fumaça, que era tocado a lenha, queimava a gente tudo aquela faísca dele.



Manobreira suíça com locomotiva americana da Ferrovia São Paulo - Paraná. Estação Ferroviária de Londrina. Década de 1930. Foto: José Juliani - Acervo do Museu Histórico Padre Carlos Weiss.

Ao desembarcar em Londrina, a família ainda percorreu a pé cerca de quinze quilômetros para chegar ao antigo Patrimônio Espírito Santo - que mais tarde deu origem ao Distrito Espírito Santo - seu destino final. Ao todo, foram oito dias de viagem. Apesar das noites mal-dormidas, da fome, da sede e do esgotamento físico, a família carregava consigo a esperança de uma vida melhor nas novas terras. Nesse contexto, Londrina emergiu no cenário nacional como uma terra de oportunidades.



Vista aérea de Londrina, década de 1950. Foto: Yutaka Yasunaka - Acervo do Museu Histórico Padre Carlos Weiss.

Década de 1950: A derrubada de mata e a lavoura de café

O processo de colonização do norte do Paraná foi iniciado na década de 1920 por um grupo capitalista inglês que mais tarde deu origem à Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), espécie de loteadora responsável pela colonização da região. Londrina foi instituída oficialmente município em 1934. As terras roxas e férteis, altamente favoráveis à produção agrícola, associada ao intenso trabalho dos pioneiros, especialmente dos trabalhadores braçais, fizeram com que a cidade tivesse um desenvolvimento econômico surpreendente em poucos anos por causa do plantio e comercialização do café, cujos grãos eram chamados de “Ouro Verde”²⁵.

As décadas de 1940 e 1950 foram marcadas pela expansão cafeeira no norte do estado e as famílias negras foram fundamentais na constituição da mão-de-obra, tanto na derrubada de matas para posterior plantio, como nas lavouras. A família Marques Neves, procedente da Bahia, chegou a Londrina no início da década de 1950. Como mostra o *Perfil de Londrina – 2011 (Ano-Base 2010)*, desde os anos 50, do século XX, a cidade emergiu no cenário nacional como polo de atração de migrantes por causa da demanda por força de trabalho. Nessa época o município expandiu-se consideravelmente em decorrência da produção cafeeira, o que levou à intensificação do setor primário de toda região. A população passou então de 20.000 para 75.000 habitantes, quase metade na zona rural²⁶. Na década de 1960, Londrina ganhou projeção internacional passando a ser reconhecida como a Capital Mundial do Café.

²⁵ Para saber mais sobre a história da cidade, cf. BONI, Paulo César. *Fincando Estacas! A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens*. Londrina, 2004.

²⁶ LONDRINA, Prefeitura do Município de Londrina - Secretaria de Planejamento - DP/GPI. *Perfil do Município de Londrina – 2011 (Ano-Base 2010)*. Londrina, 2011, p. 4.



Derrubada de mata na região de Londrina, década de 1930. Foto: Carlos Kraemer - Acervo do Museu Histórico Padre Carlos Weiss.

Apesar do rápido crescimento e desenvolvimento de Londrina, como mostra a imagem “Vista aérea de Londrina, década de 1950”, é preciso considerar que nas áreas mais distantes do centro urbano, como o Patrimônio Espírito Santo, a falta de infraestrutura e o isolamento predominavam. O valor das terras era mais baixo nessa localidade justamente por não haver qualquer infraestrutura, nem mesmo água e luz. Como enfatizado na maioria das entrevistas realizadas, quando a família Marques Neves chegou ao Patrimônio Espírito Santo o local era “puro mato”, ou seja, a região ainda era coberta de florestas. Homens trabalharam duramente para abrir a mata densa, composta por árvores imensas

que eram derrubadas manualmente a golpes de machados. Aos poucos a mata nativa deu lugar às plantações de café. Evidentemente, os primeiros migrantes que ocuparam a área passaram pelas maiores dificuldades e vivenciaram intensamente as precariedades do lugar. A fome era uma constante na vida de muitos trabalhadores rurais que se encorajaram em desbravar terras pouco habitadas. Segue o depoimento da D. Izolina:

[...] Fome, sede, pedi água na represa dos vizinhos ali. Abriram um poço, mas não saíam duas colheres d'água. [...]. Nós plantava, dando raizinha, nós comia. A mãe fazia afogado de mamão pra nós não passar fome. [...]. Aqui tudo era mato. [...]. Um medo! [Dormíamos] naquelas redes armadas com uns paus assim... Nós pendurava as redes e dormia ali.[...]. Nós morava no meio do mato, naquele monte de casinhas de pau-a-pique, tapava com sapé. Nós ficava ali e depois a gente ia trabalhar, só trabalhar e até hoje eu não tenho medo de serviço não, só do ano passado pra cá que eu não trabalhei mais, mas quando tinha colheita de café aqui eu trabalhava. Eu pegava aquelas peneironas, abanava o café e a tarde os sacos estavam no meio da estrada.

Desde que chegou ao norte paranaense, a família Marques Neves trabalhou incessantemente. Todos ajudavam, enquanto uns se empenhavam duramente na derrubada das matas, outros se encarregavam de preparar o solo para o plantio, abrir as covas e plantar as mudas de café. Após árduas jornadas de trabalho, a família entregava a lavoura cafeeira em formação aos fazendeiros, proprietários das terras em que trabalhavam. D. Izolina relata:

Eu trabalhei na roça desde pequenininha... Eu comecei a trabalhar na roça com sete anos... Eu ajudava os pais na roça... Os meninos, homens, iam abrindo buraco para plantar café e as filhas tudo na roça trabalhando, ninguém ficava parado! [...] Eles iam abrir cova com a enxada e nós atrás fazendo aquele asseiro pra juntar e queimar. Fazia aquele montinho igual uma coivara e depois fazia uma fogueira... Você vai queimando que é pra mode a terra ficar limpinha para arar com aquele arado puxando o cavalo. [...] Carregava paus para as covas de café, aquelas madeirinhas tudo pequenininhas e as covinhas tudo redondinhas. Você tampava para o sol não matar a muda de café. Então você tampava com pauzinho e vinha com um pouco de capim e colocava por cima.



Mudas de café. Foto: Armínio Kaiser. Imagem extraída do livro *Grãos de ouro em sais de prata: memórias do café*. Livro-DVD. Londrina: Câmara Clara, 2009. Organizadores: Daniel Choma, Tati Costa e Edson Luiz Vieira.

As narrativas feitas por D. Izolina trazem para perto, com detalhes e precisão, o cotidiano de muitos trabalhadores daquela época. Simultaneamente, reafirma a participação do povo negro, homens, mulheres e crianças, nos trabalhos nas lavouras agrícolas do norte paranaense, participação esta que se encontrava apagada da memória social da cidade.

Retrata também um contexto extremamente desfavorável em relação ao acesso e permanência de crianças na escola. Antes da Constituição Federal Brasileira de 1988, que mais tarde deu origem ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estes não eram protegidos legalmente, portanto, iniciavam muito cedo no mundo do trabalho ajudando os pais nos serviços braçais, tendo, conseqüentemente, diversas restrições para estudar. O trabalho na infância e adolescência era uma forma de sobrevivência naquele contexto e o estudo era tido como secundário. A situação das crianças negras era ainda mais difícil. Além da lonjura das escolas, os ambientes educacionais apresentavam forte tendência a repelir o negro por meio da reprodução de práticas

racistas e discriminatórias²⁷. Dessa forma, D. Izolina relata que ela e os irmãos mais velhos não tiveram oportunidade de estudar: “Nós aqui, nós nunca tivemos estudo, o nosso estudo foi o cabo da enxada”, diz D. Izolina. Os irmãos mais novos, porém, conseguiram frequentar a escola.

Apesar de todas as dificuldades, a família Marques Neves sempre permaneceu unida, aliás, a união é uma das características mais notáveis que perpassa toda a trajetória dessa família. E foi com o suor do trabalho na derrubada de matas e nas plantações de café, que João, com a preciosa ajuda de sua esposa, Deraldina, e de todos os filhos, pôde então comprar o sonhado comércio de *secos e molhados*: a Venda do Alto, que mais tarde ficaria mais conhecida como Venda dos Pretos.

A compra da Venda assinala uma importante mudança na vida da família Marques Neves, pois além de adquirir o estabelecimento comercial, a família de trabalhadores, prestadores de serviço, passou a ser proprietária da sua terra, concretizando assim, o sonho migratório. Ser dono de um pequeno lote foi o anseio que encorajou muitos migrantes a deixarem a sua terra natal na esperança de dias mais promissores. No terreno onde se localiza a Venda, gradativamente passaram a ser construídas casas para membros da família.

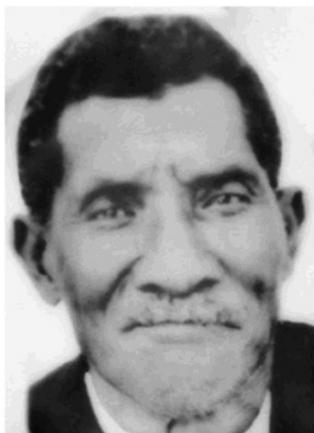
²⁷ Roger Bastide, na década de 1950, percebeu que a escola, que poderia representar uma possibilidade de ascensão social do negro, sempre apresentou forte tendência a repeli-lo. Segundo o autor, a dificuldade que o negro encontrava na escola, naquele contexto, ia desde as punições mais severas por parte dos professores, às brigas com os colegas que o discriminava. Somava-se a isso a falta de referência que o negro tinha em relação a sua cor na cultura educacional tradicionalmente branca, que historicamente prioriza e valoriza as referências europeias. Segundo o autor, esta seria a primeira barreira relacionada ao racismo e que traria muito sofrimento às crianças negras (BASTIDE, 1959:191-193).



Venda dos Pretos.
Foto: Carlos Fante²⁸

²⁸ Foto disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/41068982>. Acesso em 16/12/2015.

Venda dos Pretos: O primórdio do tradicional comércio de Secos & Molhados



João Marques Neves.
Foto: Álbum de família.

João Marques Neves... Pouco se sabe sobre esse homem que acreditou no sonho do “Ouro Verde” e veio para o norte do Paraná, no início da década de 1950, trazendo a esposa e os nove filhos. As únicas fontes que temos são as lembranças da própria família. João era um homem negro, de olhos azuis, alto, magro e que, segundo os filhos, andava sempre bem arrumado, até mesmo para trabalhar no campo. Foi corajoso e visionário ao enxergar naquele estabelecimento rústico, construído em madeira, “no meio do mato”, a oportunidade de prestar serviço atendendo as necessidades primordiais dos habitantes que viviam distantes do centro urbano e raramente tinham condições de percorrer mais de quinze quilômetros pelas estradas de terra para comprar mantimentos na região central da cidade. Simultaneamente, constituiu um patrimônio familiar, histórico e cultural.

Nas décadas de 50 e 60, do século XX, era de suma importância, nas áreas urbanas e rurais das cidades, os tradicionais armazéns de *secos e molhados*, tipo de organização comercial que antecedeu as grandes redes de supermercados buscando suprir as demandas básicas dos moradores de diversas localidades. Esse tipo de comércio exerceu um papel fundamental para subsistência das classes populares, pela proximidade do estabelecimento em relação à residência, considerando o contexto extremamente precário em relação ao transporte e às estradas, e pela relação de confiança estabelecida entre freguês e comerciante que, em momento de dificuldade financeira, poderia permitir ao freguês adiar o pagamento, isto é, comprar “fiado”. Bastava uma anotação na velha e

boa caderneta, em que o comerciante registrava cada compra e seu valor, uma via para ele e outra para o freguês ter conhecimento das suas aquisições.

As sacas de alimentos e as antigas balanças de precisão, como esta da imagem, eram características marcantes desses armazéns. A Venda dos Pretos tinha um pouco de tudo: quanto aos “secos”, gêneros alimentícios de primeira necessidade, como arroz, feijão, farinha, milho, macarrão, entre outros, eram vendidos a granel. Além dos produtos “secos”, a Venda comercializava os gêneros “molhados”, entre os quais se destacavam as bebidas: água, gasosas, cervejas, aguardentes, cachaças, licores, vinhos, entre outras²⁹.



Balança de precisão usada na Venda dos Pretos desde o seu primórdio. Atualmente esta relíquia é utilizada como objeto decorativo do estabelecimento.

Foto: Nikolas Pallisser.

O quadro de fregueses do estabelecimento, sob a liderança de João, era de origem diversificada, desde a dona de casa que fazia a lista de compras semanal ou mensal para garantir o sustento da família, ao trabalhador rural que, ao retornar da exaustiva jornada de trabalho, parava para comer, beber, saber as novidades, prostrar e se descontraír no ambiente da Venda, tida como ponto de encontro, um dos principais espaços de sociabilidade de muitos trabalhadores da época.

A Venda também recebia personalidades afamadas na cidade, como os pioneiros Álvaro e Olavo Godoy, que até 1989 eram donos da fazenda Santa Helena, localizada no

²⁹ No Brasil, desde o século XVIII, a expressão “secos e molhados” é utilizada para designar os artigos comercializados nas vendas e armazéns. Não há um consenso em relação à utilização da expressão “secos e molhados”. Alguns autores distinguem os gêneros “secos” como produtos não comestíveis e “molhados” como todos os comestíveis. Outros, porém, designam como “secos” todos os gêneros alimentícios sólidos, como mantimentos secos (arroz, feijão, açúcar, macarrão, entre outros) e “molhados” os gêneros líquidos, como bebidas, azeite e outras substâncias fluidas. Cf. TELEGINSKI, Neli Maria. *Bodegas e Bodegueiros de Irati-PR na Primeira Metade do Século XX*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Mestrado em História, Cultura e Sociedade, da UFPR. Curitiba, 2012, p. 52-54.

Distrito Espírito Santo, que foi transformada no Parque Estadual Mata dos Godoy³⁰, área protegida que abarca uma das principais florestas do norte do Paraná. D. Izolina afirma que seu pai considerava os irmãos Godoy seus irmãos e que eles sempre paravam na Venda para beber e prostrar com João, que foi um dos empreiteiros na derrubada de mata nas terras da família Godoy.

Entre os produtos que eram comercializados na Venda, além dos mencionados, podemos citar queijo, manteiga, banha de porco, sal, açúcar, leite, café, pão, enlatados, salame, linguiça e outras coisas mais. Os doces também eram - e ainda são - de toda qualidade: paçoca, pé-de-moleque, doce de abóbora, maria-mole, suspiro, canudo de doce de leite e balas. Além dos gêneros alimentícios diversos e bebidas variadas, o estabelecimento vendia produtos de necessidade pessoal e doméstica, como roupas, calçados, produtos de limpeza e higiene pessoal, velas, fósforos, querosene, fumo, cigarros, sabão, enfim, a clientela podia se servir de múltiplas mercadorias, em quantidades variadas - quilo, gramas, dúzia, ou unidades - de acordo com as necessidades e possibilidades de cada um.

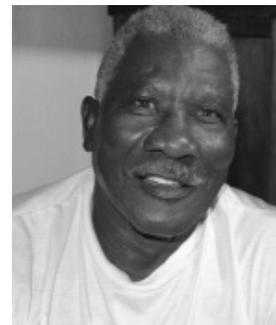
Eram vendidos, também, artigos para desempenhar trabalhos agrícolas, como botina – o chamado “sapatão”-, chapéu de palha, enxada, foice, facão, matraca para plantio, entre outros. Esses artigos eram todos organizados num paiol, do lado de fora da Venda, como explica D. Izolina:

Eles faziam um paiol e cobriam com sapé, telha mesmo, era somente para guardar a coisarada, era tipo de um depósito e o que precisasse, pegava e levava a pessoa lá, a pessoa escolhia o que gostou, o que queria comprar.

³⁰“A Mata dos Godoy está localizada na Fazenda Santa Helena – Distrito de Espírito Santo, a 15 km do centro de Londrina. Possui 675,70 ha de floresta subtropical, estando inserida no bioma Mata Atlântica, na qual se encontram aproximadamente 200 espécies de árvores. Considerada um das principais áreas de preservação ambiental do Estado e uma das mais ricas reservas genéticas do Sul do País, abriga espécies raras como peroba, angico, cedro, figueira, pau-marfim, além de 180 espécies de aves silvestres, entre outros importantes representantes de nossa fauna”. Informações disponíveis na página da Prefeitura de Londrina: http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=247&Itemid=194. Acesso em 19/12/2015.

No contexto profundamente marcado pelas atividades agrícolas, a família Marques Neves ainda cumpria o importante papel de fornecer vestimentas e ferramentas de trabalho do campo para as fazendas da região que requisitavam o serviço. Por se situar em meio às estradas, a Venda era rota de muitos viajantes. Certamente, uma das características mais marcantes da Venda sob a administração do João, está relacionada à onda migratória desencadeada pela expansão da cafeicultura no norte do Paraná, que levou à intensa circulação de peões e viajantes, trabalhadores que, assim como ele, chegavam com a mala nas costas direcionando as suas vidas nos caminhos do café. Segue o depoimento de Adelino Marques Neves, irmão da D. Izolina:

Naquele tempo tinha muito peão, passavam aí na estrada aqueles peões que andavam com a mala nas costas, que vinham tocar café. Tinha dia que você contava uns mil peões, tudo com mala nas costas. Nesse tempo, na Venda nós vendia de tudo: “sapatão”, roupa, era de tudo e a peãozada não deixava nada. Era até bonito! Às vezes, quando você entrava na Venda, eles lotavam a Venda, largavam as malas lá fora, ou então aquelas trouxas nas costas assim, com as roupas deles... E nós fornecia para a Fazenda Cegonha, a Fazenda São José, as compras eram tudo nós que levava às fazendas. Nós tinha uma Perua e um Jipe. Aqui perto, os meninos mais novos que eu, um pegava o Jipe e o outro a Perua Rural e iam fazer a entrega para as fazendas. E eu, com a carroça, ficava fazendo as entregas por aqui mesmo.



Adelino Marques Neves.
Foto: Maria Nilza da Silva.

Nota-se que a hospitalidade empreendida no ambiente da Venda e o acolhimento dado ao migrante constituíram uma das formas de inserção desses recém-chegados, tendo em vista as interações sociais que se instauravam entre os “forasteiros” e os “estabelecidos”.

Torna-se evidente que a Venda dos Pretos, desde os seus primórdios, se configurou como um comércio de grande relevância na prestação de serviço à população do Distrito Espírito Santo e uma referência para a comunidade em seu entorno. A família Marques

Neves, ao longo de mais de 60 anos, trabalhando em regime estritamente familiar, vem cumprindo o importante papel de abastecer a população local com alimentos e mercadorias em geral, em consonância com as necessidades do contexto social. Mais do que um mero estabelecimento comercial, a Venda se constituiu como meio de agregação de muitos migrantes naquele período, abarcando um número expressivo de trabalhadores negros. Foi e, hoje, com novas características, é, de fato, um importante espaço de sociabilidade.

João tinha profundo apreço e amor pela Venda, estabelecimento que comprou com tanto sacrifício. O trabalho no comércio sempre envolveu toda a família. Alguns filhos de João o ajudavam diretamente no balcão do estabelecimento, atendendo os fregueses, enquanto outros continuavam a trabalhar na roça. De uma forma ou de outra, todos auxiliavam no suprimento das mercadorias do comércio. Dona Izolina relata que, desde bem jovens, ela e os irmãos observavam e trabalhavam junto com o pai. Os filhos não só assimilaram o modo como ele lidava com as vendas em si, mas também os princípios e valores sobrepostos no desempenho de seu trabalho. Segue o seu depoimento:

Meu pai, cuidando, ensinou nós todos a cuidar da Venda, todos a trabalhar com a Venda. Todo serviço que ele fazia ele botava nós para trabalhar junto, então quer dizer que nós todos pegamos aquele jeito, aquele ritmo dele. [...]. Cuidar da Venda é saber cuidar das pessoas, é dar atenção pra todo mundo que entrar, seja boa, seja ruim, você tem que tratar todo mundo igual. Você não pode excluir ninguém, nem pode falar alto e nem grosso com as pessoas, tem sim que saber tratar as pessoas com amor e com carinho. Agora, se fizer alguma coisa errada, então você o chama num cantinho e conversa com ele, explica as coisas para ele como são, que aqui não é uma Venda, é uma casa de família.

Nota-se que, acima de qualquer expectativa de lucro, o trabalho da família sempre foi movido pelos valores maiores transmitidos pelo João Marques Neves e Deraldina Maria de Jesus Neves: O valor da família, a solidariedade, o respeito e a generosidade para com todos.

Família Marques Neves: A marca da generosidade

Como explicitado previamente, a trajetória da família Marques Neves é eminentemente marcada pela generosidade e pelo amor ao próximo. Mesmo em tempos difíceis, de contenções financeiras e incertezas, além de criar os nove filhos biológicos, aqueles mencionados no início do livro, João e Deraldina criaram dez filhos adotivos, ou seja, educaram ao todo dezenove crianças. De acordo com os relatos da D. Izolina e irmãos, ambos eram rígidos na educação dos filhos, mas também profundamente amorosos. Uma das características mais marcantes da mãe, Deraldina, era certamente o acolhimento. D. Izolina relata:



Deraldina Maria de Jesus Neves.
Foto: Álbum de família.

Ela tinha muito amor para dar, acolhia a todos que ela via, passava mendigo, já passou doido na casa da mãe, chegou à porta dela, pediu comida, pediu água e os meninos ficaram em pé ali na porta e ela falou: “Senta, meu filho, que a mãe vai dar comida”. Também encheu uma jarrinha de água, deu para ele e disse: “Vai com Deus, que Deus te acompanhe”. E ninguém nunca buliu com ela. Esse moço mesmo, que ela ajudou, pediu as coisas pra ela, ela ainda deu uma coberta pra ele, ele foi embora e não fez nada com ninguém... Até hoje eu me lembro disso que a mãe fez... Dentro de casa ela era um doce de mãe, mas era brava![...]. Minha mãe era um amor de mãe, ela soube criar, ela soube dar educação, ela criou dez filhos dos outros... Acolhedora, tudo o que via ela criava... Ela não podia... Mas ela “tirava da boca” para dar para os outros.

Sobre a postura de João em relação à educação dos filhos, D. Izolina conta que o pai não batia, bastava um olhar e os filhos já sabiam o que ele queria dizer:

Nenhum filho dava dor de cabeça pra ele, porque ele não batia, ele não xingava, ele só corria pelo olho azul dele assim... Nós trabalhava desde pequenininhos na casa da mãe, meu pai nunca deixou nenhum filho ficar dentro de casa atormentando. [...]. Ele não batia em nós, somente dava castigo... Castigava na criação, não podia brigar entre irmãos, ele fazia a gente pedir desculpas e abraçar um ao outro.

João e Deraldina aceitaram prontamente a responsabilidade de acolher crianças deixadas pelos pais quando estes não as podiam criar. O casal inseria-as no seio familiar e as criava como se fossem seus próprios filhos. Conhecidos pela bondade e espírito humanitário, as crianças eram entregues em seus próprios braços. Destacamos uma das situações relatadas pela D. Izolina. Certo dia, um senhor chamado José, motorista de ônibus popularmente conhecido como Rosa Branca, pelo fato de sempre trajar vestimentas alvas, parou em frente à Venda e deixou com João três crianças: duas meninas, Edna e Cleuza Leal, e um menino, Cláudio Leal. João e Deraldina os criaram até que se tornassem adultos e se casassem. Segue o depoimento da D. Izolina:

Teve um motorista de ônibus... Naquele tempo... Era só buraqueira, só passava um ônibus por dia. Ele chegou aqui com as três crianças, chegou aqui, parou o ônibus, buzinou e chamou meu pai. Perguntou para o meu pai se ele cuidava daqueles três meninos, eram duas mulheres e um homem e os bichinhos vieram tudo doente. Aí meu pai falou: “Pode mandar aqui que eu cuido”. O motorista falou: “A mãe deles foi embora e me deixou com os meninos e eles ficam em casa sozinhos, eu trabalho e não tenho como cuidar deles”. [...]. Meu pai falou: “Pode me dar as crianças, porque onde comem cinco, comem dez, comem vinte, é arroz e feijão, mas comem! O dia que tiver, nós come, o dia que não tiver, damos água doce e pronto”. Pois que deu tudo certo!

Ações como essas nos fazem compreender de onde vêm tanta generosidade e força dos membros da família Marques Neves.

Os Marques Neves em Cianorte

A história da família Marques Neves é marcada também pelas constantes migrações e deslocamentos de uma região a outra do território nacional, característica de uma sociedade em movimento, repleta de transformações, que indica o lugar indefinido do migrante. Dona Izolina relata:

Nós estava andando pelo mundo inteiro, nós era iguais à família de cigano, hoje tava aqui, amanha acolá. Meu pai trabalhava naqueles paus-de-arara para derrubar e abrir mata. Hoje sai daqui, depois já estava acolá.

Depois de muito trabalhar na derrubada de matas e nas lavouras de café em Londrina, a família foi chamada para prestar serviços em Cianorte - município situado na região noroeste do Paraná - aos mesmos fazendeiros, donos de terras com as quais já havia trabalhado. Quando precisava se mudar por causa de trabalho, João levava toda a família – a esposa e os dezenove filhos - ninguém ficava para trás. Como João já havia adquirido a Venda do Alto³¹, ele pediu a um senhor da sua confiança que cuidasse do estabelecimento no período em que estivessem fora da cidade. A família passou cerca de dois anos em Cianorte trabalhando no plantio e na colheita do café e retornou a Londrina, exceto D. Izolina, pois lá conheceu Sebastião Francisco, com quem se casou.

De volta a Londrina, José Marques Neves, um dos filhos do João, atendendo ao pedido do pai, passou a administrar a Venda. Passados alguns anos, José conseguiu juntar dinheiro, comprar uma casa em Cambé - município da região metropolitana de Londrina - e abrir o seu próprio bar. Quem passou a gerir a Venda, juntamente com João, foi o filho mais novo, Antônio Marques Neves. Segue o depoimento da D. Izolina:

³¹ Outro nome da Venda dos Pretos.

Nós tivemos que ir para lá [Cianorte], porque nós plantamos em um sítio aqui e depois fomos plantar em outro de lá. Então ele deixou o rapaz cuidando [da Venda], porque aonde ele ia, ele levava os filhos todos. Então foi todo mundo pra lá, acabamos de fazer o plantio, eu fiquei lá mesmo e eles voltaram pra cá, meu irmão voltou pra cá, esse senhor [que cuidou da Venda] foi embora porque ele não era daqui, então o José, meu irmão, ficou à frente da Venda, junto com o meu pai. Nós ficamos trabalhando, eu fiquei lá mesmo, eu me casei lá e fiquei lá, meus irmãos tudo aqui trabalhavam também, somente o José tomava conta da Venda. Depois ele comprou uma casa para ele, lá em Cambé, e montou um bar lá em Cambé. Mudou para lá e o Antônio, meu irmão, ficou no lugar dele.



Venda dos Pretos sob a administração de Antônio Marques Neves, 1991.
Da esquerda para a direita: Antônio (ao fundo) e os filhos Marcelo, Renato e Danilo.
Foto: Álbum de família.

Assim, enquanto a família seguiu a vida em Londrina, alguns trabalhando no campo e outros no balcão da Venda, D. Izolina permaneceu por oito anos em Cianorte, cidade que lhe trouxe muitas alegrias, como a constituição da nova família, mas também muitas tristezas, decorrentes da dizimação dos cafezais, principal meio de vida da família.

Dona Izolina e a constituição da nova família

D. Izolina trabalhou por muitos anos nas lavouras de café em Londrina e, posteriormente, em Cianorte, cidade em que conheceu Sebastião Francisco, procedente de Carrancas-MG, com quem se casou. Eles se conheceram durante as duras jornadas de trabalho no plantio de café. Segue o depoimento da D. Izolina:



Sebastião Francisco e Izolina Maria de Jesus Francisco.
Foto: Álbum de família.

Ele [Sebastião] trabalhava como peão, na mesma fazenda que nós morava, ele morava também... Nós nos conhecemos trabalhando, trabalhando de mutirão, era tudo mutirão, aquela "homarada", era "mulherada", tudo trabalhando... Era na enxada, era no machado, era na foice, era tudo. E nós atrás fazendo aquelas coivara, pra queimar e depois plantar. Naquele tempo não tinha maquinário, era plantado com aquelas ferramentas que batia no chão. Aí nós fomos conhecendo um ao outro, nos gostamos e nos casamos.

D. Izolina e Sebastião se casaram no início da década de 1960. O casal teve três filhos: Maria de Fátima Francisco Klein e Solange Francisco Neves, nascidas em Cianorte e Natal Rivelino Francisco, o filho caçula, nascido em Londrina. D. Izolina e Sebastião permaneceram em Cianorte por oito anos trabalhando nas lavouras, de onde tiravam o sustento da família. Porém, por causa da proliferação da broca-do-café, uma das principais pragas do cafeeiro, a família teve enormes prejuízos ao ter a plantação totalmente devastada pela praga. Foram tempos difíceis, de extremas precariedades e privações. Naqueles cafezais residia a esperança de um projeto familiar, sonhos e expectativas de uma vida melhor. O desalento aos poucos deu espaço à conformação: a consolidação da ideia de que a única coisa a fazer era recomeçar.

Sem perspectivas em Cianorte e precisando da força e amparo da família, D. Izolina voltou para Londrina com o marido e as filhas passando a residir com os pais, nas imediações da Venda. Apesar de tudo, ela nunca perdeu a sua fé, tampouco a sua força para vencer todas as barreiras impostas a sua trajetória. No período do resguardo, ou seja, de recuperação pós-parto, ela já estava desempenhando trabalhos pesados nas lavouras de café. Segue o seu depoimento:

Eu dava de mamar para as crianças no peito bebendo café sem doce, que era meu almoço e minha janta, e não me faltou uma gota de leite pra eu dar de mamar a essas crianças, pra eu secar esse leite deu é trabalho, eu acho que foi mandado pela Virgem Maria Santíssima. Vim embora de lá de Cianorte para Londrina, para casa do pai, em cima de um caminhão de madeira, um caminhão cheio de tora de Peroba, um caminhão velho, caindo aos pedaços. E eu ainda de dieta da minha menina caçula, eu vim em cima daquela madeira, vim embora pra cá pra eu não morrer de fome, nem meus filhos. Cheguei aqui já tinha bastante café maduro, seco. Larguei vida de dieta pra lá e entrei na roça, apanhando café. Aí tinha um rapaz, colega que trabalhava na cidade, arrumou serviço para o meu marido na cidade.

Posteriormente, com as fortes geadas, sobretudo a que ocorreu em 1975 aniquilando toda a plantação de café do norte do Paraná³², passou a ser introduzida no estado uma nova política agrária, baseada em lavouras mecanizadas que deu origem à produção de soja, arroz, trigo e milho, principalmente³³. Ao contrário do café, que exigia muitos braços

³² A manhã fria do dia 18 de julho de 1975 foi marcada por um dos eventos mais traumatizantes da história do Paraná, a chamada “Geada Negra”, que destruiu a cafeicultura no norte do Estado, principal atividade econômica da região. Segundo Diego Antonelli, “A Geada Negra recebe esse nome porque queima as plantas por dentro, deixando-as com aparência escura. A baixa temperatura e o vento intenso causam o rápido congelamento da seiva”. A geada mudou radicalmente os rumos do norte do estado, acelerando drasticamente o êxodo rural. Cf. ANTONELLI, Diego. Especial Geada Negra 40 anos. O dia antes do fim. Gazeta do Povo. 11 de jul. de 2015. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/40-anos-da-geada-negra/o-dia-antes-do-fim-0cq6bwgyf403z8w3q8e5k6ow5>. Acesso em: 12/12/2015.

³³ Cf. CHOMA, Daniel. *Café Passado Agora*: Narrativas em torno de fotografias de Arminio Kaiser, produzidas entre 1957 e 1970, sobre a cafeicultura no norte do Paraná. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2010, p. 93.

para o cultivo, essas novas atividades demandavam o mínimo possível de mão-de-obra. Os trabalhadores do café precisaram se adequar às drásticas mudanças econômicas e sociais e buscar outros meios de subsistência.

Com as mãos calejadas por todos os anos de labuta nas plantações de café, D. Izolina passou a trabalhar como empregada doméstica, atividade que historicamente absorveu a mão-de-obra feminina, predominantemente negra, seguindo as concepções tradicionalistas do passado escravista. Ela trabalhou dezoito anos para as mesmas famílias. Simultaneamente, Sebastião passou a trabalhar como saqueiro nos armazéns do extinto Instituto Brasileiro do Café (IBC), órgão do Governo Federal que regulava o comércio do produto. A participação e entrada de homens negros no mercado de trabalho urbano, com baixa ou nenhuma escolaridade, estavam condicionadas à inserção no trabalho braçal.

Ao melhorar um pouco a situação financeira, o casal, Izolina e Sebastião, alugou uma casa no Distrito Espírito Santo, próxima à Venda da família. No final da década de 1970 eles conseguiram adquirir pela primeira vez a casa própria através da Companhia de Habitação Popular de Londrina - COHAB-LD - no Conjunto Aquiles Stenghel, localizado no Cinco Conjuntos, zona norte de Londrina, região que concentra expressivo número de conjuntos habitacionais. Era um projeto familiar que finalmente se concretizava. A família então deixou o Distrito rural e se mudou para a cidade.

A década de 1980 é marcada por dolorosas perdas para a família Marques Neves, sobretudo para D. Izolina. Sua mãe, Deraldina, não se sabe se na Bahia ou no Paraná, contraiu a doença de Chagas³⁴ vindo a falecer no dia 9 de setembro de 1985, aos 69 anos, uma grande perda para a família.

No final da mesma década, Sebastião, marido da D. Izolina, acabou adoecendo por causa das penosas jornadas de trabalho carregando sacas de café. Os saqueiros ganhavam por saca de café transportada, então cada homem carregava sessenta quilos na cabeça

³⁴ Doença causada por um protozoário transmitido principalmente pelos insetos popularmente conhecidos como “barbeiros”.

o mais rápido que podia formando pilhas e mais pilhas de sacas do produto³⁵. O drama e o cotidiano das árduas jornadas de trabalho dos saqueiros foi brilhantemente registrado pelo fotógrafo baiano Armínio Kaiser, engenheiro agrônomo e técnico do Instituto Brasileiro do Café, instituição na qual ingressou em 1953, um ano após a sua criação, e se aposentou em 1989, pouco antes da sua extinção, que ocorreu no mesmo ano³⁶.



Armazém III de Londrina. Recebimento dos primeiros sacos de café, 01/03/1967. Fotos: Armínio Kaiser - Acervo do Museu Histórico Padre Carlos Weiss.

³⁵ Cf. CHOMA, Daniel; COSTA, Tati; VIEIRA, Edson Luiz. *Grãos de ouro em saís de prata: memórias do café*. Livro-DVD. Londrina: Câmara Clara, 2009, p. 14.

³⁶ Para conhecer um pouco mais do trabalho do fotógrafo amador Armínio Kaiser, também conhecido como “fotógrafo do café”, além do acervo disponível no Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, cf.: CHOMA, Daniel. *Café Passado Agora: Narrativas em torno de fotografias de Armínio Kaiser*, produzidas entre 1957 e 1970, sobre a cafeicultura no norte do Paraná. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2010.



Armazém III de Londrina. Recebimento dos primeiros sacos de café, 01/03/1967. Foto: Armínio Kaiser - Acervo do Museu Histórico Padre Carlos Weiss.

O trabalho era extremamente pesado e fatigante, por exigir o emprego de muita força e agilidade, acarretava sérios problemas de saúde aos trabalhadores. Desempenhando muitos anos essa mesma função, Sebastião adoeceu e veio a falecer no dia primeiro de janeiro de 1989. Morreu muito cedo, aos 49 anos, outra perda lastimável para a família. Segue o depoimento da D. Izolina:

Meu marido morreu de tanto pegar sacaria, ele trabalhava no IBC [Instituto Brasileiro do Café], ele trabalhou durante muitos anos batendo aquela sacaria de café e era muito alta aquela sacaria, era muito alta. Eles jogavam lá do alto para eles pegarem na cabeça, aí colocavam sangue pela boca, arreventou tudinho. Ele trabalhava tanto assim para os filhos dele não ficar sem estudar e nem eu precisar trabalhar, para ninguém ficar com fome. Ele lutou até a última hora para cuidar dos filhos e de mim também. Foi um marido que nunca me esqueço na vida, por isso não coloquei ninguém no lugar dele, não coloquei mesmo, até hoje eu me lembro dele... Eu não tiro [a foto dele] de dentro da minha bolsa. Tem hora que dá aquela saudade, aquela no coração da gente, eu abro a carteira e fico olhando. [...]. Foi o amor da minha vida...



Trabalhadores carregando sacas de café. Foto: Armínio Kaiser. Imagem extraída do livro *Grãos de ouro em saís de prata: memórias do café*. Livro-DVD. Londrina: Câmara Clara, 2009. Organizadores: Daniel Choma; Tati Costa e Edson Luiz Vieira.

Após a morte de Sebastião Francisco, D. Izolina continuou vivendo na casa em que morava com o marido e os filhos, na zona norte da cidade. Apesar das tristezas, ela encontrou no seio familiar forças para seguir. Prosseguiu trabalhando como doméstica e as filhas mais velhas, também trabalhando, ajudavam na manutenção da casa.

A luta pela vida e o desafio das perdas



Antônio Marques Neves.
Foto: Álbum de família.

Antônio Marques Neves, o filho mais novo de João que tomou conta da Venda junto com o pai, esporadicamente prestava serviços para fora auxiliando assim no abastecimento do comércio. Quando saía ele deixava a sua esposa, Maria Aparecida, trabalhando no estabelecimento. Antônio organizava estruturas para acomodar frangos para criação.

Era mais um dia de trabalho. Na manhã do dia 19 de dezembro de 1994, Antônio saiu para fazer a cobertura de uma granja e passou o dia todo trabalhando no sol. Ao chegar a casa à noite, cansado, tomou banho, jantou e foi deitar. Morreu dormindo, com apenas 45 anos de idade.

João estava viúvo há 10 anos e não se casou novamente. Ele, que ainda sentia muito pela partida da esposa, ficou profundamente triste com a morte do filho Antônio, passou meses e meses deprimido e veio a falecer menos de um ano após o filho caçula. A morte do patriarca ocorreu no dia 21 de setembro de 1995, aos 80 anos de idade. Foram tempos difíceis para a família Marques Neves. Segue a narrativa da D. Izolina:

Ele [Antônio] trabalhava de fazer granja para criar frangos. Quando ele trabalhava pra fora, ficava a minha cunhada tomando conta [da Venda] e ele saía trabalhando para fora. Ele trabalhou o dia inteiro ali em baixo cobrindo a granja. Chegou à noite ele tomou banho, jantou, deitou e morreu. Pai entrou em depressão. [...]. Quando meu irmão faleceu, fez oito dias que meu irmão faleceu, ele entrou em depressão, depressão profunda. Ele não comia, não bebia, não falava mais nada e era só chorando... Antônio era o filho caçula. [...]. O que mais acabou com ele foi a depressão, ele entrou numa depressão muito profunda, demais! Então foi o que acabou com ele. Foi por causa da minha mãe e do meu irmão.

Pouco antes de morrer, João procurou D. Izolina e fez um apelo à filha: Pediu que ela assumisse a gestão da Venda e que jamais a vendesse. Entre todos os filhos, muitos deles residentes no espaço onde se situa o estabelecimento, João confiou à D. Izolina esta missão, certamente por acreditar que ela compreendia veemente o valor simbólico que a Venda tinha para a família, portanto, preservaria o patrimônio. Assim, mesmo com a saúde fragilizada, João se deslocou do Distrito Espírito Santo até a zona norte de Londrina, onde morava a D. Izolina, para buscar a filha. Ela afirma:

Ele [o pai] entrou em depressão por causa da morte da minha mãe e do meu irmão. Era o xodó dele, o açulinha. Ele entrou em depressão, ficou cego, ele cegou. Aí as minhas meninas já eram moças e já trabalhavam fora. A Fátima trabalhava no [mercado] Viscardi, a Solange trabalhava na ZKF [confeções] e o meu menino trabalhava de instalar telefone, fazer rede de telefone. Aí ele foi lá em casa me buscar e eu falei: “Olha, o senhor aguarda que eu vou esperar os meus filhos virem para eu conversar, porque tudo o que eu faço eu converso com os filhos. Aí ele falou: “Você não demora muito porque eu não tenho tempo para esperar”. Aí eu já telefonei para o meu menino, porque ele já trabalhava para fora e era longe, já telefonei para ele e ele falou: “O mãe, quem manda na senhora é a senhora e o que a senhora fizer tá muito bem feito, nós não temos nada de opinião para dar à senhora, só dizer que a senhora vá cuidar da Venda pro vô e tomar conta.

Atendendo ao apelo do pai, D. Izolina deixou a casa em que morava no Conjunto Aquiles e retornou ao Distrito Espírito Santo passando a residir nas imediações da Venda. João reforçou o pedido para ela não se desfazer do comércio:

E ele me pediu, foi a coisa que ele mais me pediu: “Minha filha, foi com muito sacrifício, foi com muito sofrimento, foi comendo mamão verde com sal, foi comendo raiz de madeira do mato pra eu possuir isso daqui. Nunca você me venda! Se você não aguentar mais você passa para o nome da sua filha, mas você sendo a chefe daqui”.

João então passou o estabelecimento para o nome da filha, Izolina Maria de Jesus Francisco. Certo de que havia deixado tudo ajeitado, ele descansou. Segue a narrativa da D. Izolina sobre o adeus do pai:

Até hoje, para mim, fui eu que matei ele, porque assim que eu abri a Venda, cheguei aqui lavei essa Venda, limpei ela, coloquei as coisas aqui dentro, não tinha nada, coloquei as coisas aqui dentro, dei almoço pra ele pra eu poder vir abrir a Venda, porque tinham uns viajantes que estavam em pé ali. Aí o meu sobrinho chegou e falou: “Tia, corre aqui que eu estou dando bênção pra pai e ele não quer responder”. Cheguei lá eu só botei a cabeça dele no meu braço, ele ainda olhou para mim assim, deu um sorriso e foi embora.

D. Izolina cumpriu a promessa feita ao pai em seu leito de morte, administrou a Venda dos Pretos pelos próximos 20 anos, até o fim da própria vida. Mais do que isso, fez da Venda um ambiente familiar, uma extensão do seu próprio lar.



Maria de Fátima com a mãe, Dona Izolina, em frente à Venda.
Imagem publicada na *Folha de Londrina*, domingo, 22 de janeiro de 2006.
Foto: Karina Yamada

Dona Izolina e a Venda dos Pretos

*A nossa diversão é esse balcão aqui...
Corre o dia inteiro! Enquanto tiver gente, tá aberto.*
Dona Izolina



Maria de Fátima com a mãe, Dona Izolina, em dia de serviço na Venda dos Pretos.
Imagem publicada na *Folha de Londrina*, terça-feira, 17 de janeiro de 2012.
Foto: César Augusto

Passados tantos anos, a Venda dos Pretos preserva suas raízes e tradições ao mesmo tempo que acompanha as transformações sociais, uma das razões da sua longevidade. Do tempo dos secos e molhados para cá, algumas características mudaram: Os alimentos que eram vendidos a granel foram substituídos pelos embalados; a clássica balança de precisão vermelha, antes ferramenta de trabalho, hoje compõe o cenário do estabelecimento como objeto de decoração; a comercialização de ferramentas para o labor no campo e a Venda como rota de migrantes, que trilhavam a sua vida nos trajetos do café, já não fazem parte do contexto atual. Ainda assim, adentrar no recinto da Venda remete a uma viagem ao passado. Trata-se de um espaço de memória, carregado de histórias dos dois lados do balcão: as dos comerciantes e as dos fregueses.



Venda dos Pretos, 2014.
Foto: Nikolas Pallisser.

A construção rústica em madeira, o antigo balcão de peroba, a forma como as bebidas destiladas são expostas nas prateleiras de madeira e as linguças penduradas no varal, são algumas peculiaridades que a família preserva há mais de 60 anos e que atrai a atenção de visitantes provenientes de diversas localidades. Entretanto, a característica mais marcante do estabelecimento é, certamente, o atendimento cordial, afetuoso e solidário prestado pela família Marques Neves, especialmente, aquele, por anos e anos, prestado pela Dona Izolina, Dona Roxa ou “Tia”, como carinhosamente era chamada por muitos dos seus fregueses. Ela, que viveu 75 anos, dedicando os 20 últimos ao trabalho no comércio, atendeu uma infinidade de clientes com muita prosa boa no surrado balcão de madeira, simplicidade e simpatia. Assim, fez com que o estabelecimento resistisse à passagem do tempo e ao surgimento de vários outros tipos de comércio. Por causa do seu jeito acolhedor, muitos frequentadores da Venda consideravam D. Izolina uma mãe e ela, por sua vez, também os tratava como filhos.

Transcorridos alguns anos, D. Izolina passou o estabelecimento para o nome da filha primogênita, Maria de Fátima Francisco Klein, que então se tornou o “braço direito” da mãe na prestação de serviços no comércio que passaram a administrar juntas. Solange Francisco Neves, a outra filha - que permaneceu morando na zona norte de Londrina, na antiga casa dos pais - também auxilia no atendimento aos clientes, especialmente nos finais de semana em que o movimento na Venda é maior. Assim, o atendimento no balcão do estabelecimento passou a ser feito habitualmente pelas mulheres da família.



Dona Izolina com as filhas, Fátima, à esquerda, e Solange, à direita.
Foto: Nikolas Palliser.

Sob a administração da D. Izolina, a Venda dos Pretos continuou a suprir as necessidades básicas da população local. Ela seguiu comercializando diversos gêneros alimentícios, bebidas alcoólicas e não-alcoólicas e produtos de higiene domésticos³⁷, bem

³⁷ A Venda dos Pretos comercializa gêneros alimentícios diversos, como pão, leite, biscoitos, arroz, feijão, farinha, macarrão, extrato de tomate, enlatados, embutidos, salgadinhos, pipoca doce, entre outras coisas mais. Oferece aos fregueses também diversos doces, as mais variadas bebidas (como no passado), além de produtos de higiene para o lar, como amaciante para roupa, sabão em pedra e em pó.

como preservou muitas das características originais do tradicional comércio de secos e molhados. Entretanto, a Venda passou a se destacar muito mais como um ponto de encontro, lugar de reunião de amigos e de sociabilidade de diversas “tribos”, como, por exemplo, músicos, ciclistas, competidores de provas pedestres, motoqueiros, jogadores de baralho, entre outros, além do time de futebol da Venda, cuja equipe é formada por um grupo de amigos, habituais frequentadores do estabelecimento.

Nos finais de semana a Venda se transforma recebendo visitantes dos mais diversos lugares. A clientela pode se servir das famosas iguarias de bar, como linguiça frita, coxinha, bolinho de carne e salgados assados, além da grande variedade de doces e refrigerantes. Para os adultos, bebidas alcoólicas como cerveja, a apreciada cachacinha e outros destilados também não podem faltar. D. Izolina afirma:

Aqui, na semana, nós abrimos bem mais tarde, nós abrimos lá pelas duas horas, uma e meia, duas horas... Enquanto tiver gente, tá aberto... Agora no sábado é cedo, tem que abrir cedo, porque quando você abre só uma janela ali no fundo, já tem gente gritando, querendo beber pinga (risos)... Aqui é assim. Vem um cedo buscar leite, outro buscar pão, outro comprar fumo...

Com as mudanças acarretadas principalmente com o advento dos supermercados, D. Izolina buscou meios para cativar e manter a sua freguesia, que é composta por clientes “passageiros” e por aqueles antigos e fiéis, homens, mulheres e crianças. Para a descontração dos frequentadores, além de uma antiga mesa de sinuca, há uma máquina de Som Jukebox, aquela em que basta colocar uma moeda e escolher a música que se quer ouvir. Na parte externa da Venda, há uma churrasqueira para que os fregueses, amigos e vizinhos possam se divertir. Enfim, conversar, comer, beber, ouvir música, cantar, jogar cartas ou bilhar, constitui algumas das muitas formas de sociabilidade estabelecida na Venda dos Pretos.

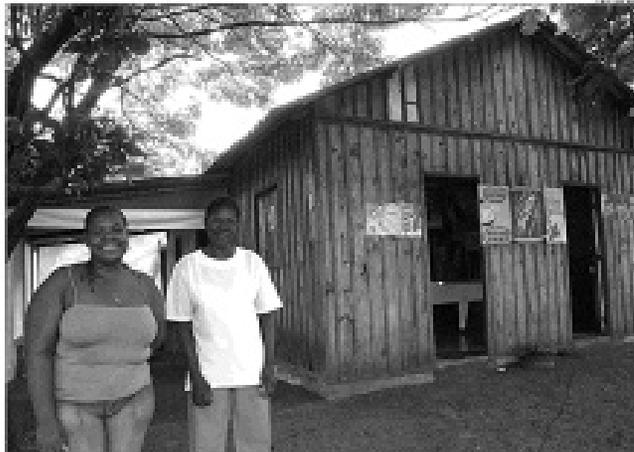
Uma característica peculiar da D. Izolina, na administração da Venda, era o modo informal e familiar com que ela tratava a clientela, o que fortalecia os vínculos e estreitava

as amizadas. Essa proximidade lhe permitia, inclusive, advertir os frequentadores, quando necessário. Pelo fato da Venda se constituir como “uma casa de família”, como sempre reforçava D. Izolina, ela impôs algumas regras que ainda hoje são seguidas pelos fregueses. Não é permitida, por exemplo, a entrada de pessoas sem camisa, assim como a pronúncia de “palavrões” no ambiente da Venda, constantemente marcada pela presença de crianças.

A Venda se constitui como um lugar acolhedor, onde todos são bem-vindos, seja para comprar uma mercadoria qualquer, ou para um intervalo rápido a fim de descansar à sombra das volumosas árvores que a cercam, ou para um encontro marcado com os amigos. Além de se configurar como um espaço de sociabilidade, no qual as pessoas se reúnem pelo simples prazer de estarem juntas, a Venda é também um espaço de luta e resistência da cultura afro-brasileira. Assim, todos aqueles que respeitam os negros, a memória da D. Izolina e a trajetória da família Marques Neves, serão sempre bem recebidos na Venda dos Pretos, que há mais de 60 anos faz história na cidade de Londrina.

Atualmente o estabelecimento é administrado por Maria de Fátima, filha primogênita da D. Izolina. A seguir mostramos algumas matérias jornalísticas e também imagens que ilustram um pouco do cotidiano da Venda dos Pretos e registram a importância do comércio e da atuação dos Marques Neves na prestação de serviço à comunidade londrinense. Algumas das fotografias que seguem, fazem parte do acervo da Venda, isto é, do conjunto de fotos que decoram umas das paredes do estabelecimento.

MEMÓRIA



Alguns estabelecimentos frequentados durante a infância por pessoas que se tornaram conhecidas na cidade

Venda dos Pretos também tem história

Perfil de referência na Zona Sul, um dos estabelecimentos mais antigos de Lordeira relata ao progresso e à especulação imobiliária

Estabelecimento antigo
Memórias de infância

Quando se trata de memórias, quem fala com mais propriedade é quem viveu a história. Mas quem conhece a história de Lordeira também sabe que a cidade tem uma história rica e interessante. Uma das coisas que mais chama a atenção é a história dos estabelecimentos antigos da cidade.

Um dos mais antigos estabelecimentos da cidade é o estabelecimento conhecido como 'Venda dos Pretos'. Este estabelecimento tem uma história rica e interessante.

O estabelecimento foi fundado em 1910 e desde então tem sido um ponto de referência para a comunidade. A história do estabelecimento é rica e interessante.

Um dos aspectos mais interessantes da história do estabelecimento é a sua localização. O estabelecimento foi fundado em um local estratégico.

Um dos aspectos mais interessantes da história do estabelecimento é a sua localização. O estabelecimento foi fundado em um local estratégico.

Um dos aspectos mais interessantes da história do estabelecimento é a sua localização. O estabelecimento foi fundado em um local estratégico.

Um dos aspectos mais interessantes da história do estabelecimento é a sua localização. O estabelecimento foi fundado em um local estratégico.

Um dos aspectos mais interessantes da história do estabelecimento é a sua localização. O estabelecimento foi fundado em um local estratégico.

Um dos aspectos mais interessantes da história do estabelecimento é a sua localização. O estabelecimento foi fundado em um local estratégico.



Um dos fundadores do estabelecimento, conhecido como 'Venda dos Pretos', atualmente pertencente ao Sr. João



Uma das fundadoras do estabelecimento, conhecida como 'Venda dos Pretos', atualmente pertencente ao Sr. João

Um dos aspectos mais interessantes da história do estabelecimento é a sua localização. O estabelecimento foi fundado em um local estratégico.

Um dos aspectos mais interessantes da história do estabelecimento é a sua localização. O estabelecimento foi fundado em um local estratégico.

Um dos aspectos mais interessantes da história do estabelecimento é a sua localização. O estabelecimento foi fundado em um local estratégico.

Um dos aspectos mais interessantes da história do estabelecimento é a sua localização. O estabelecimento foi fundado em um local estratégico.

Um dos aspectos mais interessantes da história do estabelecimento é a sua localização. O estabelecimento foi fundado em um local estratégico.

Um dos aspectos mais interessantes da história do estabelecimento é a sua localização. O estabelecimento foi fundado em um local estratégico.

Um dos aspectos mais interessantes da história do estabelecimento é a sua localização. O estabelecimento foi fundado em um local estratégico.

Um dos aspectos mais interessantes da história do estabelecimento é a sua localização. O estabelecimento foi fundado em um local estratégico.

Um dos aspectos mais interessantes da história do estabelecimento é a sua localização. O estabelecimento foi fundado em um local estratégico.

Um dos aspectos mais interessantes da história do estabelecimento é a sua localização. O estabelecimento foi fundado em um local estratégico.

Um dos aspectos mais interessantes da história do estabelecimento é a sua localização. O estabelecimento foi fundado em um local estratégico.

FOLHA Cidades

O JORNAL DO PARANÁ

cidades@folha.com.br

Balcão, poeira e uma vida inteira

Nos distritos de Londrina, as antigas vendas são preservadas pelas histórias construídas ao longo de décadas

Micaela Oikawa
Reportagem Local

Em meio a estadas de terra e moedas quase que "escondidas" entre as plantações, histórias de luta e conquista são preservadas em distritos e patrimônios de Londrina, por meio de pequenos estabelecimentos.

As "vendas", como são conhecidas, são um tipo de comércio peculiar em pequenas cidades e atuam como armazéns que em décadas passa-

trada de chilo, cortada por uma única via de asfalto. Em uma esquina cercada por chácaras e plantações, uma casa com portas e janelas de madeira de porco, pintadas de verde, são a prova que o tempo passou, e muito, por ali. São 53 anos de história.

Nas primeiras horas da manhã, Maria de Fátima Francisco, 43 anos, dá uma geral na loja na Venda do Alto, enquanto sua mãe, dona Izolina Maria de Jesus Francisco, 72, termina o café da manhã. Em poucos minutos ela chega com o sorriso aberto para receber a reportagem e logo corrige:

"Ela foi fundada por um caboclo e era no meio do mato alto"

"ninguém conhece aqui como Venda do Alto. Para todo mundo, aqui é a Venda dos Pretos".

A história do local, frequentado não só pela vizinhança, mas por muitos viajantes, curiosos em conhecer a tão famosa venda, começa há muito tempo, quando as famílias ainda tinham que buscar água no rio e a renda era obtida através da venda de verduras, transportadas em carroças. "Ela foi fundada por um caboclo e era no meio do mato alto. Com muita dedicação na roça, meu pai juntou um dinheirinho e a comprou", lembra.

Caboclo

Ao chegar em Espírito Santo, a poucos quilômetros do Centro, a calma para sobre a es-



Maria de Fátima com a mãe Izolina Francisco, na Venda dos Pretos: "Qualquer um que passa por aqui sempre volta"

Durante um longo período, a venda foi mantida pelos tios de dona Izolina, que assumiu o comércio há cerca de 20 anos. Além do balcão, prateleiras de madeira são preenchidas por bebidas, enlatados, doces e outros alimentos. Uma mesa de sinuca e uma máquina que toca músicas são aquisições que garantem a diversão dos frequentadores.

Mas dona Izolina acredita que a preferência dos clientes

se dá pela história do local e o bom humor que ela faz questão de preservar. "Todo mundo gosta da gente. É atleta, ciclista, jogador de truco, curioso e violeiro. Qualquer um que passa por aqui sempre volta, nem que se for pra conferir como estamos", conta ela, que brinca ao dizer "que fica até com câimbra no braço de tanto acenar para as pessoas que passam pela estada".

Relaxosa e muito batalhado-

ela guarda com gratidão os ensinamentos do pai João Marques Neves, falecido aos 80 anos. Orgulhosa, ela conta que ele "os fez trabalhar", se referindo também aos oito irmãos, três já falecidos. A família veio de Feira de Santana, na Bahia, em um pau-de-arara, em busca da fertilidade da terra vermelha. Da época, dona Izolina se lembra do Hotel dos Viajantes e o Bosque Central.

A fama da Venda dos Pretos é tamanha que ela já viu passar inglês e espanhol pelo estabelecimento. "Eu não entendi nada, mas sei que eles adoraram o lugar, pois aqui é cheio de vida. Todo mundo se conhece e não existe maldade", garante.

Entre tantas brincadeiras e risadas, dona Izolina faz questão de dizer que só não é bem-vindo na Venda dos Pretos palavra feia, coisa errada e bêbado que dá trabalho. "Aqui é uma casa de família. Aqui tem respeito", completa, com um sorriso aberto e um convite que ela deixa a todos: "Volte sempre. Nós estamos te esperando".

Cheio de vida
Das lembranças de infância,

VEJA MAIS FOTOS

www.folha.com.br





Há 20 anos, dona Izolma 'Ica' a venda comprada pelo pai há década de 50 com a promessa de nunca vendê-la

A venda que virou patrimônio histórico

«» Há 20 anos, no leito de morte do seu pai, Izolma Maria de Jesus Francisco, 73 anos, fez uma promessa: não se desfazer da Venda do Alto, mais conhecida como a Venda dos Pretos, localizada entre o Espírito Santo e Regina. "Faz 60 anos a venda está com a família. Meu pai comprou com muito sacrifício de um caboclo e pediu para eu não vender. Hoje, já passei para o nome da minha

filha. Mas a voz mais alta aqui ainda é minha", diz com uma gargalhada.

O ditheiro para o pai comprar a venda, conta Izolma, veio de muitos anos de trabalho nas lavouras do distrito. A data que a família - pais e nove filhos - chegou a Londrina já fugiu da memória da senhora que finaliza suas frases com uma grande risada. "Quando chegamos a

Londrina só tinha um hotel e um bosque, onde as migrantes acampavam. O resto era só mato. Meu pai veio para abrir uma fazenda aqui no distrito. Era ele limpando a terra e a gente, ainda crianças, carregando mudas de café para plantar. Era até bonito de ver."

A Venda dos Pretos foi uma das poucas que resistiram ao declínio do café. Hoje, é ponto de

referência para os moradores da região, que coletam cartas e contas de energia e água deixadas no estabelecimento. "Essa é a felicidade que eu tenho. Todo fim de semana, a casa fica cheia de amigos", diz orgulhosa.

Ponto tradicional da zona rural, a venda é considerada um patrimônio histórico, mesmo sem o tombamento oficial pelo município.



Espírito Santo

DADOS

♀ Data de criação: 20/07/1994

♀ Distância da área urbana de Londrina: 15 km

♀ Área: 184.924 m²

♀ População: 2.886

- 246 no núcleo urbano

- 2.638 na zona rural

Confira conteúdo multítmico - com fotos e vídeos de alto qualidade no site www.patrimoniolondrina.com.br/espica/71anos

Serviços à Comunidade

A Venda dos Pretos funciona também como posto dos correios, facilitando assim, a vida dos moradores dos sítios da região, onde não há distribuição domiciliar das correspondências. Anualmente a comunidade se une para pagar a locação da Caixa Postal, um serviço disponibilizado pela Agência dos Correios de Londrina.



Caixa em que são depositadas as cartas dos moradores dos sítios do entorno da Venda.
Foto: Margarida Cássia Campos.

Os Músicos

Ao longo da sua existência, a Venda dos Pretos recebeu músicos de gêneros diversos e com objetivos distintos, que vão desde animar os fregueses do estabelecimento com as suas apresentações, até utilizar o espaço para produção de material fotográfico e clipes musicais.



Moda de Viola com os cantores, Pinho da Viola (de camiseta preta) e Rangel (tocando o violão), 2007.
Foto: Acervo da Venda.



Os músicos se tornaram amigos da D. Izolina e voltaram outras vezes para animar os frequentadores da Venda com músicas sertanejas e modas da viola.

Foto: Acervo da Venda.



Dona Izolina, em frente à Venda, com a Banda londrinense de Samba Rock, Funk, Groove, *Sarará Crioulo*, 2013.
Foto: André Masiero



Roda de Samba com a cantora de Música Popular Brasileira (MPB), Rosi Garrido, após a gravação de um Clipe Musical na Venda dos Pretos. Rosi Garrido é uma cantora brasileira que há 12 anos vive na França. Ela escolheu gravar o clipe na Venda por acreditar que o ambiente e as pessoas representam “a verdadeira cultura brasileira”, como afirmou em entrevista concedida aos pesquisadores do LEAFRO, em 2014.

Foto: Nikolas Pallisser.

Os Ciclistas



Dona Izolina, em frente à Venda, com o Grupo de Bike de Londrina, *Pedais Vermelhos*, 2005.
Foto: Acervo da Venda.



Em frente à Venda, o Grupo de Bike, *Turma Pedal Catuaí*, 2015.
Foto: Turma Pedal Catuaí Bikers.

Eu falo para os meninos da bicicleta: “Olha, meus filhos, aqui a casa é nossa, todo mundo que chega aqui é bem-vindo, as portas estão abertas, vocês sabem entrar, vocês sabem sair... Chegue quem chegar, esse terreiro aqui, cheio de gente de fora, amontoadado de carro, todo mundo que você conversar, é muito bem atendido”.

Dona Izolina.

Jogos



Aos sábados e domingos a diversão é garantida para os senhores que se reúnem para jogar truco.

Foto: Nikolas Pallisser.

...Aqui, sábado e domingo, você não aguenta o barulho de jogo de truco. O dia inteirinho é grito, meu pai do céu! Mas também você não “vê” um nome [feio], um palavreado, porque só dou um grito daqui de dentro e “nego” acalma... Eu não aceito! Aqui é uma casa de família...

Dona Izolina.

Time da Venda



Time de Futebol da Venda dos Pretos. A equipe é formada por um grupo de amigos que se reúne pelo simples prazer de estarem juntos, jogar uma “pelada” e, após a partida, se unir na Venda para conversar, beber e se descontraír. O logotipo do uniforme oficial traz a seguinte mensagem: “Desde 1952 – Venda dos Pretos – 60 anos”.

Foto: Acervo da Venda.



Fotos: Maria Nilza da Silva.

Visitantes



Visitantes que passam pela Venda dos Pretos e fazem questão de registrar o momento. Esta é uma, dentre outras fotos, que decoram uma das paredes do estabelecimento.

Foto: Acervo da Venda.



Mariana Panta, D. Izolina e Maria Nilza da Silva, 2014.
Foto: Cedida por Maria Nilza da Silva.

Dona Izolina e a Venda dos Pretos: O Diploma de Reconhecimento Público

No dia 5 de maio de 2012, a Câmara Municipal de Londrina promoveu a entrega do Diploma de Reconhecimento Público à D. Izolina e à Venda dos Pretos. Trata-se de uma honraria concedida a pessoas ou locais que contribuem com a comunidade londrinense no âmbito cultural, social ou político. A iniciativa da homenagem partiu do ex-vereador Tito Valle (PMDB) e foi ratificada por outros 12 vereadores que reconheceram a importância dos serviços prestados há mais de 60 anos pelos homenageados.

Tito Valle conheceu a família Marques Neves através de uma festa católica, Folia de Reis, ocorrida em 1990, na qual João, pai da D. Izolina, era um dos foliões condutores da manifestação cultural e religiosa. Desde então, sempre que possível, ele visita a Venda dos Pretos para jogar sinuca, ouvir música, tomar algo e, sobretudo, rever os amigos.

Sobre a motivação para elaborar um projeto que homenageasse Dona Izolina e a Venda dos Pretos, Tito Valle afirma:

Quando eu estava vereador, eu propus o título de reconhecimento público reconhecendo mais de 60 anos da Venda dos Pretos, sempre com a mesma família, antigamente com o pai da Dona Izolina, agora com ela e com os filhos e agora já com os netos chegando. Então é uma homenagem aos 60 anos de permanência, quase a idade da cidade de Londrina. Eu entendi que era cabível e especial porque locais como a Venda dos Pretos ocorrem em outras cidades do nosso país como forma de resistência da cultura negra, da presença do negro, em especial na área de comércio. São poucos os comércios reconhecidos que sejam entendidos como afro-brasileiros. Até como marco de resistência,



Diploma de Reconhecimento Público concedido pela Câmara dos Vereadores à D. Izolina e à Venda dos Pretos.

Foto: Nikolas Pallisser.

imagino o que eles já passaram ali para poder vencer esses sessenta anos. Eles são reconhecidos ali até pelos chacareiros do entorno, pessoas do centro e de outras regiões da cidade que acabam parando e tendo um dedo de prosa com o pessoal e sempre valorizando o atendimento, a forma diferente de tratamento que eles têm com as pessoas.

D. Izolina sentiu-se honrada com a homenagem, sobretudo por compreender que são poucos os negros que têm sua história e trabalho reconhecidos, não somente em Londrina, mas em todo o Brasil. Emocionada com a homenagem, ela revelou:

Eu me senti flutuando no chão, eu nunca que pensei que a gente ia receber essa homenagem, porque você ver negro e pobre... Eu não esperava que fosse subir numa altura daquela.



Cerimônia conjunta na Câmara de Vereadores de Londrina onde foi promovida a entrega do Diploma de Reconhecimento Público à Dona Izolina, ao rapper Mc Rei e ao Karateca Arthur Menezes, 2012.

Foto: Câmara Municipal de Londrina.



Dona Izolina ao lado do ex-vereador Tito Valle.

Foto: Câmara Municipal de Londrina.



Família Marques Neves na Câmara de Vereadores de Londrina no dia da homenagem à D. Izolina e à Venda dos Pretos. Da esquerda para direita: Solange Francisco Neves, Dagmo Klein de Morais e a esposa Maria de Fátima Francisco Klein, o então vereador Tito Valle, D. Izolina, o assessor do vereador, João Marques Neves Neto e seu filho Kauan, Maria José Neves Maximiano, Mayara Cristina Maximiliano, Edith Maria Neves e Adelino Marques Neves, 2012.
Foto: Câmara Municipal de Londrina.

Izolina Maria de Jesus Francisco: As lutas de uma mulher negra

Os ensinamentos dos pais e as próprias vivências da D. Izolina a tornaram uma mulher forte. No âmbito das relações raciais não foi diferente. Em consonância com a realidade da maioria da população negra, a sua trajetória não esteve isenta de discriminação. Ao longo das suas narrativas, D. Izolina relatou algumas situações que vivenciou em diferentes contextos sociais, que vão desde ser exposta a uma situação vexatória em uma das residências em que trabalhou como doméstica, após prestar dezoito anos de serviço; até um caso de discriminação racial sofrido por uma de suas filhas, praticado por uma professora da escola em que estudava, que dizia não gostar de negros. Em todas as situações, D. Izolina fez-se combatente à discriminação. Mesmo em conjunturas em que o racismo não era reconhecido como crime, ela jamais permitiu ser inferiorizada por causa das características que a identificavam como negra, especialmente a cor da sua pele, bem como rejeitou qualquer associação hostil que desvalorizasse o negro.

Entre as situações relatadas por ela, no ambiente da Venda, destacamos uma ocasião em que um homem chegou ao estabelecimento para pedir uma informação e perguntou em tom depreciativo: “Mas esse que é o tal do bar dos pretos?”. Ao perceber o desdém do rapaz, que em sua fala evidenciou a ideia pejorativa que trazia sobre os negros, D. Izolina não foi complacente. Segue o seu depoimento:

Um dia chegou aqui um senhor, ele é bem estudado, sei lá, vem de fora, não sei de onde veio. Aí nós conversando aqui, ele chegou ali, pediu licença, entrou, muito educado. Mas teve uma coisa que ferveu meu sangue e aí eu fui obrigada a xingar ele, sério! Porque ele olhou assim pra mim, olhou bem em mim assim, acho que ele queria dizer: “Ah, esses daí não são nada”. Aí ele falou: “Mas esse que é o tal do bar dos pretos?”. Aí eu falei: “Se não for por desaforo, é! Agora se for por desaforo o senhor desocupa a minha casa que eu não estou te chamando aqui!”. Falei a verdade. Falei: “O senhor queria o endereço? Pois eu também não vou dar!”. E não dei... É sério! Se você vir, saiba tratar as pessoas, porque não é a cor que é nada, a nossa pele não é nada, o que manda está aqui

dentro [mostrando o coração]. Agora você vem de lá pra cá com desaforo, você vai encontrar o que? Desaforo também.[...]. Ele chegou tirando sarro, não é? Então ele encontrou uma “doida” na frente dele. Na mesma medida que ele deu, ele já levou! (risos).

João, seu pai, ciente das dificuldades historicamente enfrentadas pelos negros, ensinou os filhos a nunca abaixarem a cabeça em situações de discriminação. Segue o depoimento da D. Izolina:

Antigamente preto não tinha valor. [Hoje] eles estão dando mais valor pra gente e os pretos não estão ficando por baixo dos brancos. Somos mais valorizados. Eu digo isso porque sempre meu pai falava - tudo o que eu falo do meu pai ele contava para nós, tudo o que ele passava, ele contava para nós - ele contava que o povo fazia com que eles trabalhassem como escravos, faziam pouco caso das pessoas, não davam valor. Então que nós nunca baixássemos a cabeça pra ninguém, era o que ele mais pedia.

As perdas familiares foram momentos de sofrimento e tristeza. Mas a luta pela sobrevivência dos demais era o alimento necessário para continuar a trajetória da família Marques Neves.

Venda dos Pretos: Um território negro em Londrina



Parte da família Marques Neves em frente à Venda. Da esquerda para a direita, entre os adultos estão: Maria Aparecida Neves Machado com seu filho no colo Gabriel, Dagmo Klein de Moraes, Adelino Marques Neves, Julio Marques Neves e D. Izolina. Entre as crianças, da esquerda para a direita, Paulo Henrique Oliveira da Rocha, Kauan Neves e na sua frente Vinicius Rocha Neves, Amanda Neves Machado, Yasmin Rocha Neves e Patrícia Marcelino Neves Machado. Foto: Maria Nilza da Silva.

Negro aqui é o que mais tem! Aqui é o lugar... O pedaço da África...
Dona Izolina

As segregações racial, geográfica e territorial condicionaram muitos negros a constituírem espaços específicos de interação social, como é o caso da criação dos Clubes Negros, em diferentes contextos, e da formação dos territórios negros como espaços de residência e resistência. A discriminação racial, ao mesmo tempo que segrega e impele o grupo negro para longe das áreas mais valorizadas e consolidadas com maior poder aquisitivo³⁸, promove aproximações nas localidades marcadas pela exclusão social e a construção de sociabilidades negras³⁹.

Atrás da Venda dos Pretos, há uma comunidade constituída por sete casas nas quais residem sete famílias negras, todas pertencentes ao mesmo núcleo originário, os Marques Neves. A organização do território foi iniciada na década de 1950, quando João Marques Neves tornou-se proprietário da Venda. Passados mais de 60 anos, as casas, que inicialmente foram sendo construídas para os filhos de João, hoje já abrigam netos e bisnetos. Dentre os filhos do patriarca, ainda residem na comunidade Adelino Marques Neves e Izaura Maria Rocha⁴⁰. Dessa mesma geração, mora também Maria Aparecida, a viúva de Antônio, filho mais novo de João, que tomou conta da Venda antes da D. Izolina. Ao todo, vivem na comunidade 25 pessoas. As moradias são autoconstruídas, isto é, estruturadas coletivamente com a mão-de-obra dos próprios familiares que imprimiram ali suas características históricas e socioculturais.

³⁸ Cf. SILVA, Maria Nilza. *Nem para todos é a cidade: Segregação urbana e racial em São Paulo*. Brasília, DF: Fundação Cultural dos Palmares, 2006. Quando levamos em consideração o processo segregacionista vivenciado pelos Marques Neves que, ao chegar a Londrina, passaram a residir no então Patrimônio Espírito Santo, é importante ressaltar que, embora hoje o Distrito Espírito Santo possua áreas bem consolidadas economicamente, inclusive abarcando um número expressivo de condomínios fechados em seus arredores, quando a família se mudou para a localidade, era uma área pobre, sem qualquer infraestrutura comparada à área urbana da cidade.

³⁹ Cf. CLEMENTE, Claudelir Correa; SILVA, José Carlos Gomes. Dos quilombos à periferia: Reflexões sobre territorialidades e sociabilidades negras urbanas na contemporaneidade. *Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política*. V. 4, n. 1. Dossiê: Relações Raciais e Diversidade Cultural, jul. 2014.

⁴⁰ Quando o trabalho sobre a Venda dos Pretos foi iniciado, residia na comunidade mais duas filhas de João Marques Neves: Dona Izolina e sua irmã, Maria José Maximiano. Ambas faleceram quando a pesquisa estava em curso. Como mencionado previamente, a morte da D. Izolina ocorreu em fevereiro de 2015. Sua irmã, Maria José, veio a falecer cerca de um ano depois, em fevereiro de 2016.

Desde a construção das moradias, até as interações sociais cotidianas, nota-se, através das narrativas dos membros da família, a valorização da coletividade, solidariedade, vontade de autopreservação e proteção mútua entre os integrantes da comunidade quê, como sempre, são uns pelos outros. D. Izolina afirma:

Nossa, aqui, se você chega e mexe com um, cê vê, de cada buraco sai um marimbondo preto... Aqui, se buliu com um mexeu com todo mundo! Você tá olhando aí, cê não tá vendo ninguém, só nós que estamos aqui. Acontece qualquer coisinha, cê vê, mas sai preto de tudo quanto é buraco!

Em março de 2010, integrantes do Grupo de Trabalho Clóvis Moura visitaram a Venda dos Pretos para averiguar se a comunidade formada pelos Marques Neves poderia ser classificada como Comunidade Tradicional Negra, remanescente de quilombo ou não. No relatório de visita produzido por alguns dos componentes do Grupo consta que na comunidade há uma consciência de origem ancestral africana nas rezas, festas e cura de enfermidades, através da prática de medicina popular, além dos ditos populares herdados dos pais e avós. As informações foram levadas para serem analisadas junto aos outros membros do Grupo de Trabalho Clóvis Moura, no entanto, não houve progressos em relação à pesquisa, visto ter havido a extinção do Grupo no dia 31 de dezembro de 2010⁴¹.

⁴¹ Criado em 2005, durante o mandato do então governador do Paraná, Roberto Requião, o Grupo de Trabalho Clóvis Moura estava vinculado à Secretaria Estadual de Educação (SEED). Entre os principais objetivos do Grupo destacavam-se o estudo e o levantamento das Comunidades Tradicionais Negras e dos remanescentes de quilombo no Paraná, bem como as suas principais necessidades. Cf.: <http://www.gtclovismoura.pr.gov.br>. Acesso em 14/01/2016.

Relatório do Grupo de Trabalho Clóvis Moura

GRUPO DE TRABALHO CLÓVIS MOURA

SEED - SEAE - SEEC - SECS - SEMA / IAP / ITCG - PMPR
SEAB / EMATER / CPRA - SESA - SEJU - SETP - SETI



RELATÓRIO DE VISITA AO INDICATIVO NO MUNICÍPIO DE LONDRINA

Constam neste relatório:

1. Os componentes da equipe data de início e término da viagem
2. Busca de informação com a Senhora Maria de Fátima Beraldi-Gestora Representante Regional da Secretaria de Igualdade e Promoção Racial de Londrina e região sul.
3. Dados gerais do Local
4. Relato dos moradores mais antigos da região
5. Conclusão

1. OS COMPONENTES DA EQUIPE, DATA DE INÍCIO E TÉRMINO DA VIAGEM

A equipe de viagem foi formada por Eunice Souza Paula e Elias Araújo.

Data de início da viagem: 22 de março 2010 às 18:00 horas.

Data do término da viagem: 25 de março de 2010.

2. BUSCA DE INFORMAÇÃO JUNTO A SENHORA FÁTIMA BERALDI

No dia 23/03/2010 a equipe procurou a Senhora Fátima Beraldo, em busca de informações sobre o Indicativo no município de Londrina. A Senhora Fátima nos relatou um pouco sobre a história da fundação de Londrina. Disse que a cidade tem 75 anos e foi projetada pelo ingleses por essa razão leva o nome de Londrina. Antes da fundação diz Fátima que as pessoas que moradores as margens do rio Tibagi olhavam além do rio e viam negros e índios, e que antes também existia uma usina com o nome de USINA TRÊS BOCAS (Ribeirão) que empregou muita gente na época. Para nos aprofundarmos melhor na História de Londrina foi sugerido visitar a biblioteca da cidade, visita esta que será realizada em momento oportuno. Quanto ao Indicativo de Comunidade Sra. Fátima nos informou que existe próximo ao Patrimônio Regina (7 Km do centro de Londrina) uma Venda denominada VENDA DOS PRETOS onde iremos realizar a nossa pesquisa. Mencionou também que existe presença negra em outras regiões próximas de Londrina tais como: São Jerônimo da Serra, Cornélio Procopio e Jataizinho. Para localizar com maior facilidade o Patrimônio Regina, Sra. Fátima nos encaminhou ao IPPUL-Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina, com Luiz Fernando, que nos forneceu um mapa onde foi possível localizar o Patrimônio Regina onde está localizado a Venda dos Pretos. No momento quando conversávamos chegou a Senhora Ester Regina Bento das Santos Conselheira Municipal do CMPIR que se prontificou em nos acompanhar na visita ao indicativo de comunidade.

3. DADOS GERAIS DO LOCAL

A VENDA DOS PRETOS está localizada no Distrito do Espírito Santo, localizado aproximadamente 5 km do Centro de Exposições e Eventos de Londrina. Fica próximo ao Patrimônio Regina onde está localizado a Escola e Posto de Saúde mais próximo. O Acesso a Comunidade se dá Av. Waldemar Spranger, chegando ao PR 445 entra a esquerda, passando pelo Shopping Center ACF Caturá, Rodovia Mabio Gonçalves. Pálhamo até o Centro de Exposições e Eventos de Londrina, passando a rotatória 5 Km. A pequena Comunidade é composta por 6 família todos filhos do Sr. João Marques Neves (Falecido), os dados familiar está na ficha socioeconômico, familiar e educacional do Grupo de Trabalho Clóvis Moura.

4.RELATOS DOS MORADORES MAIS ANTIGOS

Chegando na VENDA DOS PRETOS encontramos a Sra. Izolina Jesus Francisco (70 anos), proprietária da Venda que recebeu de herança do Pai Sr. João Marques Neves que nos relatou o seguinte: Vieram da Bahia município de Baramirim (Feira de Santana), passando por São Paulo quando quando tinha 8 anos, desembarcando em Londrina a aproximadamente 62 anos. Relata que sua família veio de Pau-de-arara da Bahia até São José do Rio Preto(SP) para abrir mata. Chegando na região encontraram a família dos "arianos" descendentes de Espanhóis, que criaram seus filhos em meio a mata. Disse que na época existia próximo somente um hotel dos Viajantes e mata onde encontravam pegadas de onça no caminho. D. Izolina disse que sua Avó(Carolina Neves) era bugre pego a laço no mato e seu Avô (Marticiano Neves) era filho de Africano. Junto com a Família Neves veio também a família do Senhor Sebastião Francisco, primo e marido da Senhora Izolina. Sr. Sebastião era chamado de Pião de Trecho, morreu aos 49 anos, nos anos 80. D. Rocha como é chamada D. Izolina disse que era comum entre eles casar com primos, pois eram criados todos juntos. Sua mãe juntamente com suas tias faziam são de cinza e vendiam na região.

5.CONCLUSÃO

Em Londrina no Distrito do Espírito Santo precisamente na Venda dos Pretos, após conversar com a D. Izolina, seus irmãos e cunhados(primos) percebemos que existe uma consciência de sua origem ou melhor origem ancestral africana em suas rezas, festas cura de enfermidades através da prática de medicina popular e ditos populares herdadas de pais e avós. Estamos levando todas as informações para que junto com o Grupo de Trabalho Clóvis Moura possamos analisar os dados e chegar juntos a Conclusão se as famílias lá existente pode ser considerada de Comunidade Negra Tradicional/Remanescente de Quilombos ou não.

Obs. As fotos estão no arquivo de Fotos 2010 da Rede do GT.

- Foi realizado o preenchimentos do Levantamento Geral das Comunidades (Formulário de Palmares), Ficha Socioeconômico-familiar-educacional e retirado do Ponto GPS das residências.
- Anexo reportagem "Venda dos Pretos também tem história" publicada no Jornal Folha de Londrina do dia 22 de janeiro de 2006, edição especial escrito por Sr Francismar Lemes.

Curitiba, 29 de março de 2010.

COMUNIDADES TRADICIONAIS NEGRAS – REMANESCENTES DE QUILOMBOS

Rua Maximo João Kopp, 274 – Bloco 3, fds – Santa Cândida – 82630-000 – Curitiba – Paraná
Fone: 41 3351 6951/6952/6953 ● Fone/Fax: 41 3351 6956

Independente da classificação sob o prisma da oficialidade - como Comunidade Tradicional Negra, remanescente de quilombo ou não - o que há de concreto é que a Venda dos Pretos não se configura como um lugar qualquer. Ao contrário, a Venda e a comunidade que vive atrás do estabelecimento demarcam especificidades históricas e culturais que assumem contornos de território negro. Como analisam Cunha Junior e Rocha, ao versarem sobre os “territórios de maioria afrodescendente”, esse tipo de organização é orientado por princípios sociais africanos que regem os territórios negros produzindo sobre esses espaços o senso de coletividade, a afeição aos vínculos e aos territórios de sociabilidade e a produção de identidades⁴².

Percebemos que toda a trajetória da família Marques Neves, em momentos de alegrias e tristezas, é marcada pelos fortes laços de solidariedade entre os parentes, contrastando fortemente com os estudos que, historicamente, afirmam que uma das características particulares dos negros seria o desprendimento aos vínculos, a instabilidade familiar, ideia que perdurou por décadas e décadas e ainda apresenta repercussão na atualidade. Esta concepção é contestada por Robert Slenes que produziu estudos acerca do olhar branco sobre os lares negros, desde o período escravocrata⁴³.

Na comunidade, D. Izolina exerceu um papel fundamental. Pela sua sabedoria e experiência de vida, era constantemente procurada para orientar as ações dos familiares. Segue o seu depoimento:

⁴² Cf. CUNHA Jr., Henrique, RAMOS, Maria Estela Rocha. Territórios de maioria afrodescendente: Segregação urbana, cultura e produção da pobreza da população negra nas cidades brasileiras. *Revista Desenvolvimento Social*. Montes Claros, n. 2 – dez., 2008, p. 83-84.

⁴³ Slenes realizou estudos sobre a historiografia referente à família escravizada no Brasil tecendo uma análise crítica dos relatos de observadores brancos sobre as famílias negras. Para o autor: “São esses relatos que criaram a imagem de devassidão sexual e instabilidade familiar que ainda caracteriza os escravos na maioria dos estudos históricos. Argumenta-se aqui, no entanto, que o olhar branco dessa época não é digno de fé; o racismo, os preconceitos culturais e a ideologia do trabalho do período predispunham os viajantes estrangeiros e brasileiros ‘homens de bem’ a verem os escravos como desregrados”. Cf. SLENES, Robert Wayne. Lares negros, olhares brancos: Histórias da família escrava no século XIX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 8 n. 16, p. 189-203, 1988.

Tudo eu devo dar conta. Eles [os parentes], falam pra mim, então eu dou conselho... Então eu falo: “Filho, tô vendo que você tá triste”. [Eles falam]: “Ah tia, hoje aconteceu assim e assado lá no serviço, fofoca, a senhora sabe que a gente não gosta dessas coisas. Já pende para o lado da gente e a gente já fica nervoso!”. Então eu falo: “Não dá ouvido, não liga, faz de conta que você não ouviu, não dá valor. Se a pessoa passar perto de você, você diz ‘bom dia’, ‘boa tarde’ e pronto. Cuida da sua vida e vive a vida. Segue nesse ritmo”. E não é criancinha não, é cada homem grandão! Até o meu genro, se ele vai comprar qualquer coisa, ele me telefona: “Dona Maria” – ele me chama de Dona Maria – “Vou comprar tal coisa, o que a senhora acha? Já conversei com a minha esposa”. Eu falo “Meu filho, a vontade é sua, se acha que consegue pagar, então faça”. Mas, se eu achar que ele vai fazer um mau negócio, eu não deixo. Eu falo para ele: “Eu não estou de acordo, é melhor esperar mais um pouco, ver mais um pouco”. Aí ele obedece e dá certo.

Nota-se, assim, que a D. Izolina, no decorrer da sua trajetória, especialmente durante todo o tempo em que viveu na comunidade formada pelos Marques Neves, desempenhou o importante papel de mãe, conselheira e amiga de todos os familiares que residem dentro e fora do ambiente da Venda, além de visitantes e clientes. Foi uma liderança, uma matriarca cuja trajetória nos possibilitou acessar memórias guardadas de um protagonismo negro quê, embora submetido ao apagamento e à invisibilidade, é imprescindível no processo de construção do Brasil. Ela, que veio a falecer no dia 12 de fevereiro de 2015, aos 75 anos, deixou como legado seu exemplo de sabedoria, luta, generosidade e amor ao próximo.



D. Izolina.

Foto: Maria Nilza da Silva.

Compartilhamos, por meio de imagens, alguns momentos vivenciados pelos membros da família Marques Neves que moram ou moraram na comunidade atrás da Venda.



Adelino Marques Neves, irmão da D. Izolina, e sua esposa, Edith Maria Neves.
Foto: Álbum de família.



Festa de Ano Novo, 1992. Da esquerda para a direita: Adelino, Edith, Ivonete, Maria de Lourdes, Aparecido, Cecília, Solange e Maria Aparecida.

Foto: Álbum de família.



Festa de ano novo na comunidade formada pela família Marques Neves, 1992.
Fotos: Álbum de família.



João Marques Neves com José Maximiniano (genro), na comunidade, 1992.
Foto: Álbum de família.



Maria Aparecida Neves Machado, filha de Adelino e Edith, com o Filho Gabriel, 2014.
Foto: Maria Nilza da Silva.



As irmãs, Amanda Neves Machado e Patrícia Neves Machado, 2014.
Foto: Maria Nilza da Silva.



Maria Aparecida com os filhos, Gabriel, Amanda e Patrícia, 2014.
Foto: Maria Nilza da Silva.



D. Izolina com as irmãs, Maria José Maximiano e Izaura Maria Rocha, 2014.

Foto: Maria Nilza da Silva.



Formatura do 3º ano, do Ensino Médio, de Maiara Cristina Neves Maximiano, sobrinha da D. Izolina, acompanhada do irmão, Maicon Roberto Maximiano, e da mãe, Maria José Maximiano.

Foto: Álbum de família.



Adelino e Edith, 2014.

Foto: Maria Nilza da Silva.

Os Filhos de D. Izolina



Maria de Fátima Francisco Klein, acompanhada do marido, Dagmo Klein. O casal reside na comunidade atrás da Venda dos Pretos.
Foto: Álbum de família.



Solange Francisco Neves.
Foto: Álbum de família.



Natal Rivelino Francisco.
Foto: Álbum de família.

Considerações Finais

A solidariedade, a resistência e o incansável trabalho marcam a trajetória da Família Marques Neves que é o retrato de inúmeras outras famílias negras no Paraná e no Brasil, muitas das quais migrantes. A união e o respeito entre os seus membros são características que sobressaem entre os Marques Neves contraditando a equivocada ideia do senso comum segundo a qual as famílias negras não são possuidoras desses valores.

Diante das inúmeras e quase invencíveis dificuldades causadas especialmente pelo racismo, o principal desafio é manter os valores que se destacam na trajetória dos Marques Neves. E, com certeza, a presença firme, sábia e carismática de dona Izolina foi fundamental para fortalecer o núcleo familiar e manter os princípios que norteiam a prestação de serviço da Venda dos Pretos à comunidade.

Contudo, ao terminar este livro, a sensação é de estarmos diante de uma exemplar história de vida familiar baseada na solidariedade e no serviço à comunidade. Ressaltam, porém, as marcas do sofrimento e da situação de pobreza às quais a maioria dos negros é submetida, como os trabalhos pesados e mal-remunerados, a falta de acesso à educação de qualidade e, conseqüentemente, à exclusão de direitos fundamentais para o exercício da cidadania.

Nesta perspectiva, chamam a atenção as vidas perdidas, na família Marques Neves, muitas delas prematuramente, como consequência da situação social que enfrentavam, como a do marido de Dona Izolina que faleceu por causa do trabalho pesado de saqueiro. Em seu trabalho diário, ele carregava inúmeras sacas de café na cabeça o que levou à degradação sua saúde e, em decorrência, a perda da própria vida.

A luta para superar o racismo e as suas conseqüências desafia a sociedade brasileira em sua sempre renovada esperança e desejo de um país mais justo para todos os diferentes povos e comunidades que contribuíram e continuam a fazer parte de sua história e desenvolvimento.

Referências Bibliográficas

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Branços e negros em São Paulo*. 2ª ed. São Paulo: Nacional, 1959.

BONI, Paulo César. *Fincando Estacas! A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens*. Londrina, 2004.

CHOMA, Daniel. *Café Passado Agora: Narrativas em torno de fotografias de Armínio Kaiser, produzidas entre 1957 e 1970, sobre a cafeicultura no norte do Paraná*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2010.

CHOMA, Daniel; COSTA, Tati; VIEIRA, Edson Luiz. *Grãos de ouro em sais de prata: memórias do café*. Livro-DVD. Londrina: Câmara Clara, 2009.

CLEMENTE, Claudelir Correa; SILVA, José Carlos Gomes. Dos quilombos à periferia: Reflexões sobre territorialidades e sociabilidades negras urbanas na contemporaneidade. *Critica e Sociedade: Revista de Cultura Política*. V. 4, n. 1. Dossiê: Relações Raciais e Diversidade Cultural, jul. 2014.

CUNHA Jr., Henrique. Quilombo: Patrimônio histórico e cultural. *Revista Espaço Acadêmico* - Nº 129 – Fevereiro de 2012.

CUNHA Jr., Henrique, RAMOS, Maria Estela Rocha. Territórios de maioria afrodescendente: Segregação urbana, cultura e produção da pobreza da população negra nas cidades brasileiras. *Revista Desenvolvimento Social*. Montes Claros, n. 2 – dez., 2008

FRAZOLINI, Fernanda. *Bosque Marechal Cândido Rondon (1950 a 1970): Referência e patrimônio londrinense*, 2010.

GUISARD, Luís Augusto de Mola. *O bugre, um João-Ninguém: um personagem brasileiro*. São Paulo, Perspect; 13(4): 92-99, out.- dez. 1999.

HASENBALG, Carlos Alfredo. *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

LANZA, Fábio. [Et al.]. *Yá Mukumby: A vida de Vilma Santos de Oliveira*. Londrina: UEL, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/leafro/>.

LONDRINA, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010 - Características da População e dos Domicílios: Resultados do Universo*. Londrina, 2011.

LONDRINA, Prefeitura do Município de Londrina - Secretaria de Planejamento - DP/GPI. *Perfil do Município de Londrina – 2011 (Ano-Base 2010)*. Londrina, 2011.

LONDRINA, Prefeitura do Município de Londrina – Secretaria de Planejamento. *Perfil do Município de Londrina – 2014 (Ano-Base 2013)*. Londrina, 2014.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

OSHIRO, Vitor Hiromitsu Ferreira. Hotel dos Viajantes: Uma mina de ouro para a história londrinense. In: BONI, Paulo César; TEIXEIRA, Juliana de Oliveira (Orgs.). *Fragmentos da história do Norte do Paraná em textos e imagens: Hotéis históricos do Norte do Paraná*. Londrina: Midiograf, 2013.

PORTELLI, Alessandro. Auto-retrato feito de palavras. In: *República dos sciúscia: A Roma do Pós-Gerra na memória dos meninos de Dom Bosco*. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

ROLNIK, Raquel. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro). *Estudos Afro-asiáticos*. Rio de Janeiro, N. 17, 1989.

SILVA, Maria Nilza. *Nem para todos é a cidade: Segregação urbana e racial em São Paulo*. Brasília, DF: Fundação Cultural dos Palmares, 2006.

SILVA, Maria Nilza; PANTA, Mariana. *O Doutor Preto Justiniano Clímaco da Silva: A presença negra pioneira em Londrina*. Londrina: UEL, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/leafro/>.

SILVA, Maria Nilza; PANTA, Mariana; SOUZA, Alexsandro Eleotério de Souza. *Negro em Movimento: A trajetória de Doutor Oscar do Nascimento*. Londrina: UEL, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/leafro/>.

SINGER, PAUL. *Economia Política da Urbanização*. São Paulo: Contexto, 1998.

SLENES, Robert Wayne. Lares negros, olhares brancos: Histórias da família escrava no século XIX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 8 n. 16, p. 189-203, 1988.

TELEGINSKI, Neli Maria. *Bodegas e Bodegueiros de Irati-PR na Primeira Metade do Século XX*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Mestrado em História, Cultura e Sociedade, da UFPR. Curitiba, 2012.

THOMPSON, Paul, 1935 – *A Voz do Passado: História oral*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ACERVOS E FONTES DOCUMENTAIS

Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss.

ANTONELLI, Diego. Especial Geada Negra 40 anos. O dia antes do fim. *Gazeta do Povo*. 11 de jul. de 2015. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/40-anos-da-geada-negra/o-dia-antes-do-fim-0cq6bwgyf403z8w3q8e5k6ow5>. Acesso em: 23/12/2015.

JORNAL DE LONDRINA. 78 anos: Uma Londrina, Várias cidades. A Venda que virou patrimônio histórico. *Londrina-PR*, 10 dez. 2012, p. 17.

LEMES, Francismar. Venda dos Pretos também tem história. *Folha de Londrina, Londrina*, 22 jan. 2006. Especial, p. 9.

ORIKASA, Micaela. Balcão, poeira e uma vida inteira. *Folha de Londrina, Londrina*, 17 jan 2012. *Folha Cidades*.

Vídeo: Conheça a história da Dona Izolina e de seu “Bar dos Pretos”. A reportagem foi exibida na Rede Independência de Comunicação (RIC-TV), no dia 01/08/2012. Disponível em: <http://pr.ricmais.com.br/parana-no-ar/videos/conheca-a-historia-da-dona-izolina-e-de-seu-%22bar-dos-pretos%22/>. Acesso em: 17/10/2015.

FONTES ORAIS

Entrevista concedida pela Dona Izolina à pesquisadora Letícia Regina dos Santos Rodrigues, em 24 de janeiro de 2013, revisada e com a divulgação autorizada pela família da entrevistada e pela entrevistadora.

Entrevista concedida pela Dona Izolina aos pesquisadores Margarida Cássia Campos, Nikolas Pallisser, Gilberto Godói e Juarez Barbosa, em 15 de fevereiro de 2014, para elaboração deste livro.

Entrevista concedida pela Dona Izolina às pesquisadoras Maria Nilza da Silva e Margarida Cássia Campos, em 09 de março de 2014, para elaboração deste livro.

Entrevista concedida pelo advogado e ex-vereador de Londrina, Tito Valle, aos pesquisadores Nikolas Pallisser e Gilberto Godói, em 03 de março de 2014, para elaboração deste livro.

Entrevista concedida pelo Adelino Marques Neves, irmão da D. Izolina, aos pesquisadores Mariana Panta e Nikolas Pallisser, em 14 de outubro de 2015, para elaboração deste livro.

